



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Eficácia da Técnica de Restabelecimento do
Contexto como Efeito Protetor da Memória de
Testemunhas Oculares

CATARINA CHAVES DOS SANTOS M. BEJA

Orientador de Dissertação

Prof. Doutora Telma Sofia de Sousa Almeida

Professor de Seminário de Dissertação

Prof. Doutora Telma Sofia de Sousa Almeida

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Telma Sofia de Sousa Almeida, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

A vida é feita de desafios que nos colocam à prova dia após dia. Este desafio chamado mestrado em psicologia clínica não tinha sido possível de superar sem a ajuda de inúmeras pessoas às quais não posso deixar de agradecer.

Começo por agradecer à professora Telma que foi um grande apoio neste último ano, pela forma como conduziu a orientação da minha tese. Obrigada por todo o apoio que me deu nesta caminhada, foi sem dúvida uma sorte ser sua aluna.

Aos meus pais que foram incansáveis nestes cinco anos que passaram. Agradeço por me terem possibilitado esta experiência incrível e por terem estado presentes em todos os momentos. Obrigada por serem os pais que são e por todo o orgulho que demonstram que têm em mim. Nunca tinha chegado aqui sem vocês, são a minha maior força. Amo-vos.

À minha querida avó “Lurdinhas” o meu obrigada por todas as velinhas que acendeu e por me fazer sentir a neta mais abençoada do mundo.

Ao meu namorado, deixo aqui o meu agradecimento por ter sido a pessoa mais compreensiva ao longo destes dois anos de mestrado, por todos os abraços nas alturas que mais precisava e por todas as palavras de força quando as coisas não corriam tão bem como queria.

Agradeço também do fundo do coração a todos os verdadeiros amigos, aos que tiveram presentes desde o início, aos que apareceram a meio e aos que chegaram no fim. São sem dúvida pessoas muito especiais e eu sou a maior sortuda por vos ter na minha vida.

Por fim, agradeço à minha estrelinha que me deixou fisicamente a meio desta caminhada, mas que teve sempre presente no meu coração. Esta conquista é para ti meu “Zézinho”.

“Segredos desta cidade, levo comigo para a vida”

RESUMO

Entrevistar uma testemunha é um procedimento crucial para o sucesso de uma investigação criminal. É determinante perceber quais os melhores procedimentos de entrevista a utilizar de modo a preservar a memória das testemunhas, protegendo-as de falsas informações a que possam ser expostas e garantindo a qualidade da informação obtida. O presente estudo teve como principal objetivo verificar se um relato imediato, após a visualização de um vídeo sobre um crime encenado, utilizando questões abertas e a técnica de Restabelecimento do Contexto (RC), teria um efeito protetor na memória no que diz respeito à suscetibilidade da testemunha a desinformação a que foi exposta e à quantidade e qualidade da informação obtida. A amostra foi composta por 42 sujeitos adultos que visualizaram um vídeo de um crime encenado, de seguida, elaboraram uma tarefa distratora e, posteriormente, foram divididos em dois grupos: um dos grupos foi entrevistado imediatamente utilizando questões abertas e a técnica RC; o outro continuou a elaborar a tarefa distratora. Posteriormente, ambos os grupos foram expostos a falsas informações através de um artigo de jornal fictício. Após 24 horas, todos os participantes foram entrevistados com questões aberta e de acordo com a técnica de RC e, posteriormente, responderam a um questionário com o objetivo de detetar a suscetibilidade à desinformação. Os resultados demonstraram que a existência de um relato inicial (RI) melhorou o desempenho dos participantes no que diz respeito à quantidade e qualidade da informação obtida.

Palavras-chave: testemunhas, entrevista, desinformação, memória, crime.

ABSTRACT

Interviewing a witness is crucial for the success of a criminal investigation. It is essential to know and use the existing best interviewing procedures, in order to preserve the witness's memory, protecting them from the false information and ensuring the quality of the information retrieved. The main goal of the current study was to explore whether an immediate interview, conducted after the participants watched video about a staged crime, using the Reinstatement of Context (RC) technique, would have a protective effect on memory regarding their susceptibility to misinformation and the quantity and quality of the information retrieved. The sample was composed by 42 adult subjects. They viewed a video of a staged crime, then completed a distracting task and were then divided into two groups: one group was immediately interviewed using free recall questions and the RC technique, while the other group continued completing distracting tasks. After that, both groups were exposed to false information through a fictitious newspaper article. Twenty-four hours later, all participants were interviewed using free recall questions and the RC technique and after that, answered a questionnaire to detect susceptibility to misinformation. Results showed that an initial report (IR) improved the participant's performance regarding the quantity and quality of the information retrieved.

Keywords: witnesses, interview, misinformation, memory, crime

INDÍCE

INTRODUÇÃO.....	8
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
Importância da prova testemunhal.....	10
Entrevista Cognitiva	11
Falsas Memórias	17
Efeitos de um relato imediato na memória.....	20
Presente Estudo	22
MÉTODO	24
Participantes	24
Procedimento	24
Materiais	25
RESULTADOS	30
DISCUSSÃO/CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICES	48
Apêndice A: Folha de informação do Projeto dos participantes com Relato Inicial.....	49
Apêndice B: Folha de informação do Projeto dos participantes sem Relato Inicial.	50
Apêndice C: Consentimento Informado	51
Apêndice D: Desinformação	52
Apêndice E: Questionário final	53
Apêndice F: Lista de Detalhes do vídeo.....	59
ANEXOS	74
Anexo A: Tarefas distratoras	75
Anexo B: Protocolo de Entrevista	77

Lista de Siglas

EC – Entrevista Cognitiva

ECM – Entrevista Cognitiva Melhorada

RI – Relato Inicial

RC – Restabelecimento do Contexto

S/RI – Sem Relato Inicial

C/RI – Com Relato Inicial

Lista de Tabelas

Tabela 1: Aplicação da Entrevista Cognitiva Melhorada tendo por base o Modelo PEACE

Tabela 2: Exemplo Ilustrativo do processo de codificação

Tabela 3: Unidades e precisão de informação relatada (médias e desvios padrão) organizadas por grupo

Tabela 4: Unidades e precisão de informação relatada (medianas e desvios padrão) organizadas por grupo.

INTRODUÇÃO

Entrevistar uma testemunha é um procedimento crucial que pode determinar o resultado de muitas investigações policiais (Milne & Bull, 1999; Wells, Memon, & Penrod, 2006). Contudo, a qualidade do relato de uma testemunha ocular pode ser comprometido ao longo do tempo, ou seja, quanto mais longo for o intervalo de tempo entre o momento em que um sujeito presenciou um acontecimento e o momento em que é entrevistada, maior é, também, a probabilidade de se perderem, irremediavelmente, detalhes importantes sobre o evento (Carpenter et al., 2008).

Para além da memória poder sofrer perdas, a suscetibilidade das testemunhas a informações falsas acerca do crime que testemunharam, ou seja, à desinformação, também tenderá a aumentar com o decorrer do tempo. Os sujeitos, por vezes, apreendem informações provenientes de diversas fontes, tendo tendência a combinar essas informações com as memórias que já têm acerca de um acontecimento (Loftus, 2003). Com os avanços tecnológicos, os sujeitos ficam cada vez mais expostos a informações falsas acerca dos crimes, como por exemplo, ao ouvir uma notícia acerca do evento que testemunharam na televisão. Por vezes, são acrescentados pormenores que na realidade não aconteceram, levando o sujeito a codificar esses detalhes na sua memória como tendo ocorrido no crime que presenciou, o que terá consequências num posterior relato (Szpitalak & Polczyk, 2010; Pansky et al., 2011; Dodson et al. 2015).

Estas potenciais consequências da demora em entrevistar uma testemunha podem representar problemas significativos no que diz respeito à perceção sobre a credibilidade do relato desta, levando, consequentemente, ao comprometimento do sucesso da investigação (Schater et al., 1998). Face a isto, o ideal seria que as testemunhas fossem entrevistadas o mais rapidamente possível após testemunharem um crime. No entanto, sabemos que, na prática, estes atrasos são muitas das vezes inevitáveis devido a diversas questões logísticas e/ou à falta de recursos dos polícias.

Não sendo, na maioria das vezes, possível diminuir o tempo que os investigadores demoram a entrevistar a(s) testemunha(s) de um crime, é, ainda assim, crucial determinar formas de proteger a sua memória contra os efeitos negativos que podem resultar do intervalo de tempo que decorre entre o testemunho de um crime e o momento em que os envolvidos depõem em entrevista oficial.

Embora ainda não tenha sido determinado qual a melhor forma de preservar a memória das testemunhas de crimes, sabemos que uma das melhores formas de conservar a memória consiste em rever os detalhes do que aconteceu (Brock et al., 1999; Roediger et al., 2002; Wheler et al., 2003; Roediger & Butler 2011). Por exemplo, uma das melhores formas de reter uma determinada memória acerca de um texto, consiste na aplicação de um teste imediato após a sua leitura (Roediger & Karpicke, 2006). Será que isto também pode resultar com testemunhas de crimes?

Atualmente, já existem estudos que demonstram que verbalizar repetidamente o que foi testemunhado tem um efeito protetor na memória das testemunhas (Gabbert et al., 2012). Contudo, ainda não existe consenso sobre qual o melhor procedimento a utilizar. A Entrevista Cognitiva Melhorada (ECM) é considerada uma das técnicas mais eficazes para melhorar a qualidade de um testemunho (Milne & Bull, 2002; Paulo et al., 2013; Pinto & Stein, 2015). A ECM consiste num protocolo de entrevista criado por Fisher e Geiselman (1992), constituída por diversas componentes com o objetivo de ajudar os policias a recolherem os depoimentos das testemunhas da forma mais adequada possível, preservando a memória destas. No entanto, este é um protocolo demasiado longo e que necessita de muito treino para ser aplicado, dificultando a exequibilidade da utilização da totalidade deste procedimento imediatamente após um sujeito testemunhar um crime, onde, muitas das vezes, as condições de entrevista não são também as mais favoráveis.

Sendo a Entrevista Cognitiva Melhorada um procedimento demasiado longo, vários autores avaliaram a eficácia dos seus diferentes componentes individualmente, tendo sido a técnica do Restabelecimento do Contexto identificada como a mais eficiente no que diz respeito à obtenção de uma maior quantidade de informação, sendo esta também mais precisa, por parte de testemunhas adultas (Milne & Bull, 2002; Davis et al., 2005; Colomb et al., 2013).

Tendo em conta as muitas vezes difíceis condições de entrevista no contexto em que ocorre determinado crime e a escassez de tempo de que os investigadores dispõem para se dedicarem à recolha dos depoimentos iniciais das testemunhas, o presente estudo teve como objetivo avaliar se um relato imediato após a visualização de um vídeo sobre um crime encenado, obtido através de uma entrevista estruturada utilizando a técnica de RC, teria um efeito protetor na memória das testemunha no que diz respeito à sua suscetibilidade à desinformação e à quantidade e qualidade da informação relatada.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Importância da prova testemunhal

A entrevista no âmbito forense é uma parte integrante de um processo de investigação criminal e decisão judicial e tem como objetivo a obtenção de um relato relativamente a uma experiência passada, que a pessoa vivenciou ou testemunhou, centrando-se nos factos dessa experiência, como por exemplo, os seus intervenientes, ações que ocorreram e características espaciais do sítio onde ocorreu determinado crime (Peixoto et al. 2014).

A entrevista de testemunhas é crucial pois pode fornecer informações no que diz respeito à descrição do agressor, sinalizar pistas e indicar outras fontes de informação importantes. Por norma, é pedido à testemunha que identifique suspeitos, objetos e ações, que em conjunto, vão servir com prova testemunhal no processo judicial (Nygaard et al. 2006).

A prova testemunhal é determinante no decurso das investigações policiais e avaliações forenses, podendo ser vital para a resolução dos casos (Milne & Bull, 1999; Wells, Memon, & Penrod, 2006; Paulo et al., 2014a), pois, em muitas situações, não existem provas físicas que corroborem o alegado crime (Pipe, Lamb, Orbach, & Cederborg, 2007). No Murder Investigation Manual, um manual onde são enumeradas as melhores práticas para conduzir uma investigação de homicídio em Inglaterra e no País de Gales, é defendido que o sucesso de uma investigação depende, em grande medida, da precisão e descrição dos detalhes fornecidos pelas testemunhas (Association of Chief Police Officers, 2010).

O relato das testemunhas configura-se, assim, essencial para o sucesso de uma investigação policial ou avaliação forense. Contudo, na maior parte das vezes, o relato das testemunhas não corresponde exatamente ao que aconteceu, pois existem diversos erros e omissões cometidos durante o relato. Devido a estes erros e ao uso de técnicas de entrevista desadequadas, por vezes adotadas em contexto policial e forense, como por exemplo, a utilização excessiva de questões ou de questões sugestivas, deparamo-nos frequentemente com a obtenção de fracos testemunhos (Paulo et al., 2013).

Tendo em conta a importância da prova testemunhal, nos últimos anos, existiram diversas alterações nos processos judiciais relativamente à proteção de testemunhas, particularmente no que diz respeito à forma como o relato das testemunhas é obtido (Peixoto et al. 2016). O Código Processo Penal (CPP) português começou a dar ênfase à importância das provas testemunhais, contemplando como tais provas devem de ser recolhidas, defendendo que

perguntas sugestivas e intimidadoras não são permitidas. Após diversos anos a registrar a entrevista em formato de papel, a lei nº 20/2013 determinou que as entrevistas deveriam ser gravadas em áudio ou vídeo, sendo a declaração escrita uma exceção (CPP, Decreto-Lei n.º 20/2013 de 17 de fevereiro, artigo n.º 101).

Ainda de acordo com o CPP, as testemunhas têm o direito de recusar-se a prestar o seu testemunho quando o suspeito pertencer à sua família ou quando já teve uma relação amorosa com este. As autoridades judiciais têm, também, o direito de avaliar a capacidade de uma testemunha para testemunhar, por exemplo, quando as testemunhas são crianças ou têm distúrbios cognitivos ou psicopatológicos.

No que diz respeito às entrevistas das testemunhas em contexto forense, existem diversos protocolos e técnicas de entrevistas utilizadas pelos entrevistadores mundialmente, sendo estas diferentes de país para país (Walsh, 2016). Ainda que exista alguma diversidade de protocolos, a investigação científica, tem apontado a Entrevista Cognitiva como sendo a melhor técnica de entrevista de testemunhas adultas, sendo esta a mais utilizada a nível mundial (Prescott et al., 2011).

Entrevista Cognitiva

A Entrevista Cognitiva foi desenvolvida em meados dos anos 80 pelos psicólogos Edward Giselman e Ronald P. Fisher que procuravam desenvolver técnicas que ajudassem os policias americanos a recolher depoimentos de vítimas, testemunhas e suspeitos de crimes (Geiselman et al., 1985). A Entrevista Cognitiva original é composta por quatro componentes individuais, destinados a melhorar a recuperação da memória das testemunhas: Restabelecimento do Contexto, Relatar tudo, Mudança de Perspetiva e Mudança de Ordem Temporal (Bensi et al., 2011).

No Restabelecimento do Contexto é pedido às testemunhas para reconstruírem mentalmente as características físicas das pessoas, do espaço e os sons que ouviram no evento que testemunharam, descrevendo assim a cena física e sensorialmente. De modo a evitar qualquer distração e focalizar a atenção da testemunha, é pedido a esta que olhe para o chão ou feche os olhos (caso se sinta à vontade para tal) e que as informações sejam dadas no passado. É ainda solicitado que faça uma pausa entre cada “segmento de informação”, de modo a facilitar a reconstrução de cada cena (Griffiths & Milne, 2010).

De seguida é pedido às testemunhas para relatarem tudo, incluindo até os detalhes que lhes parecem irrelevantes ou que não tenham a certeza de que sejam necessários (Fisher & Geiselman, 1992). Para além de facilitar a recordação de informações adicionais, esta técnica é valiosa pois pode fornecer diversos detalhes de testemunhas diferentes acerca do mesmo crime (Memon & Bull, 1991).

Na terceira componente da Entrevista Cognitiva, denominada por Mudança de Perspetiva, é pedido à testemunha que recorde o evento através de uma perspetiva diferente (Memon & Higham, 1999). Pode ser pedido à testemunha que adote uma perspetiva externa, como por exemplo, que conte tudo o que viu e que o funcionário do banco também possa ter visto. Ou pode ser solicitado à testemunha para assumir uma perspetiva interna, como por exemplo, questionar como esta se sentia no dia do assalto antes de perceber que um crime estava prestes a acontecer (Paulo et al. 2014a).

Por fim, na última componente é pedido que a testemunha relate tudo o que se lembra, mas mudando a ordem temporal da recordação, como por exemplo, contar a história do fim para o início (Griffiths & Milne, 2010).

Passado alguns anos, Fisher & Geiselman (1992), concluíram que a utilização das quatro mnemónicas anteriormente elaboradas pelos próprios, não conduziam, por si só, à obtenção de um bom relato, pois, por diversas vezes, os polícias ignoravam procedimentos cruciais para garantir o bem-estar psicológico e cooperação das testemunhas, comprometendo assim a fiabilidade do testemunho. Face a isto, adicionaram novos procedimentos à Entrevista Cognitiva, criando assim a Entrevista Cognitiva melhorada, onde se focaram não só na memória, mas também na componente comunicativa.

O primeiro procedimento adicionado consiste na construção de um bom relacionamento com a testemunha, desde do primeiro momento de contacto até ao final da entrevista. O entrevistador tem como objetivo favorecer a criação de um bom ambiente, em que seja possível a maximização dos sentimentos de segurança e confiança por parte do entrevistado, deixando-o à vontade (Pergher & Stein, 2005). Este procedimento é crucial pois contribui para o bem-estar da testemunha, o que poderá consequentemente possibilitar a recordação de mais detalhes em comparação com uma testemunha nervosa e pouco segura (Paulo et al. 2013).

É também crucial encorajar a testemunha a ter uma participação ativa, explicando a esta a sua importância para a entrevista. Tipicamente, quando um sujeito é entrevistado acerca de

um crime, considera que é o investigador que irá controlar a entrevista (Fisher & Geiselman, 1992). O segundo procedimento denomina-se então “transferência de controlo para a testemunha”. Neste procedimento, o entrevistador enfatiza junto da testemunha a importância que esta tem no processo de entrevista, uma vez que detém informações valiosas acerca do crime, as quais o entrevistador não possui. É assim essencial deixar clara a necessidade de que esta se esforce o máximo possível para relatar o maior número de detalhes acerca do crime (Paulo et al., 2014a).

O terceiro procedimento consiste num questionamento compatível com a testemunha, que consta em adequar todas as questões ao relato da testemunha. As questões devem assim ser colocadas no momento adequado, respeitando sempre o relato da testemunha e a ordem pela qual esta está a relatar a informação (Pergher & Stein, 2005).

O último procedimento é denominado de “Visualização Mental” e é idêntico à componente que existia previamente, denominada por Restabelecimento do Contexto. Contudo, ao invés de ser solicitado à testemunha que recrie mentalmente o cenário global do crime, é pedido que esta feche os olhos e recrie mentalmente os detalhes mais específicos, como por exemplo, as peças de roupa que o ladrão tinha vestidas (Paulo et al., 2014a).

A Entrevista Cognitiva Melhorada é considerada uma das técnicas mais eficazes para melhorar a qualidade de um testemunho de adultos e tem consequências positivas em outros aspetos, tais como detetar potenciais mentiras e melhorar o bem-estar mental das testemunhas (Milne & Bull, 2002; Paulo et al., 2014b; Pinto & Stein, 2015;). A Entrevista Cognitiva, consiste, então, num processo de entrevista que engloba um conjunto de técnicas de recuperação de memória e de comunicação com o objetivo de maximizar a quantidade e qualidade das informações relatadas por uma testemunha (Memon et al., 2010).

Entrevistar uma testemunha de forma adequada é uma tarefa extremamente exigente, especialmente, quando são utilizados modelos de entrevista complexos como a Entrevista Cognitiva (Griffiths et al., 2011). Sendo a Entrevista Cognitiva um modelo de entrevista complexo, para que a entrevista seja bem conduzida é necessário que o entrevistador compreenda como utilizar cada um dos procedimentos desta, tais como, os diversos protocolos de aplicação e a investigação científica existente acerca deste tema, pois, por vezes, a polícia ignora os sentimentos das testemunhas, considerando-os irrelevantes para a investigação, afetando assim o seu bem-estar, o que, por sua vez, poderá ter interferências diretas na qualidade do testemunho (Paulo et al., 2014b).

Face a estes problemas, investigadores e agentes policiais em Inglaterra e País de Gales, procuraram encontrar um modelo que estruturasse a aplicação das entrevistas policiais (Milne et al., 2007). Antes da estruturação do modelo, existiram pesquisas que avaliaram as principais fraquezas das entrevistas policiais, nas quais foram encontradas diversas delimitações nos entrevistadores: falta de preparação, ineficácia, falta de técnica, suposições de culpa, repetitividade, questionamento persistente, falhas em estabelecer factos relevantes e excessiva pressão psicológica na testemunha (Baldwin, 1993). Face a isto, foi revelada a necessidade em reunir esforços para melhorar a entrevista policial, nascendo o Modelo PEACE, que consiste num protocolo delineado e estruturado aplicado a diversos tipos de entrevista, que tem como base a Entrevista Cognitiva Melhorada (Milne et al., 2007)

De modo a possibilitar a entrevista de testemunhas de forma adequada na população portuguesa, Paulo e os seus colaboradores (2014a), criaram um protocolo em língua portuguesa para a aplicação da Entrevista Cognitiva Melhorada, em que descrevem os diversos procedimentos desta, tendo por base o Modelo PEACE desenvolvido em Inglaterra e no País de Gales, protocolo este que será explicado na tabela 1. Nesta tabela, encontram-se descritas as diversas fases da aplicação da Entrevista Cognitiva Melhorada, tendo por base o Modelo PEACE, e os objetivos correspondes.

Tabela 2 - Aplicação da Entrevista Cognitiva Melhorada tendo por base o Modelo PEACE

Fase 1.	Estabelecer uma boa relação com a testemunha a) Cumprimentar; b) Personalizar a Entrevista;
Fase 2.	Explicar os objetivos da entrevista a) Solicitar concentração da testemunha; b) Contar tudo; c) Transferir controlo;
Fase 3.	Relato Livre a) Restabelecimento do Contexto; b) Questões de Resposta Aberta; c) Pausas; d) Não interromper a testemunha;
Fase 4.	Questionamento a) Contar tudo; b) Questões compatíveis com o discurso da testemunha; c) É normal “não recordar”; d) Visualização mental; e) Questões de resposta aberta;
Fase 5.	Novas estratégias de recuperação a) Mudança de Ordem; b) Mudança de Perspetiva; c) Foco em vários sentidos;
Fase 6.	Questões importantes para a investigação
Fase 7.	Resumo
Fase 8.	Encerramento
Fase 9.	Avaliação

É importante perceber que o modelo apresentado é apenas ilustrativo na medida em que algumas das fases e procedimentos podem, em determinadas situações, ser aplicadas por outra ordem ou até mesmo não serem aplicadas. O mesmo acontece com as mnemónicas da Entrevista Cognitiva Melhorada, pois embora algumas devam de ser utilizadas em todas as entrevistas (ex: Contar tudo), outros procedimentos podem ser inadequados para algumas investigações. Assim, cabe ao entrevistador escolher as técnicas que melhor se adequam à sua investigação (Paulo et al., 2014a).

Embora a Entrevista Cognitiva Melhorada seja considerada, pela maioria dos autores, o melhor protocolo para entrevistar testemunhas adultas, recentemente alguns autores realçaram a necessidade de se desenvolverem versões mais curtas da ECM para serem utilizadas em situações em que não existe muito tempo para entrevistar a testemunha (Dando et al., 2008;

Dando et al., 2009; Bensi et al. 2011). Face a esta problemática, tornou-se crucial, testar a eficácia individual das diferentes componentes da Entrevista Cognitiva Melhorada.

Alguns autores focaram a sua atenção na avaliação da eficácia das diferentes componentes individuais da Entrevista Cognitiva Melhorada, tendo sido destacada em termos de eficácia, no que diz respeito à otimização de tempo e quantidade e qualidade dos detalhes relatados, a técnica de restabelecimento do contexto, tornando-se indispensável em qualquer versão da Entrevista Cognitiva (Milne & Bull, 2002; Davis et al., 2005; Colomb et al., 2013).

O Restabelecimento do Contexto (RC) é uma técnica que pode ser aplicada de diversas formas. Em alguns estudos, esta técnica é aplicada de uma forma mais extensa (Dando et al. 2009; Hammond et al., 2006), noutros de forma mais curta (Hershkowitz et al. 2001). Não existe uma forma exata de aplicação da técnica de RC, sendo possível aplicá-la em qualquer fase da entrevista (Pinto & Stein, 2015).

Quando é utilizada esta técnica é importante atender ao contexto, não só ao contexto externo (espaço físico), como também ao estado subjetivo da testemunha, como por exemplo, o humor, os pensamentos e as sensações (Milne & Bull, 2002). Pinto e Stein (2015) referem que é crucial que a aplicação do Restabelecimento do Contexto seja feita de modo a orientar a testemunha a reconstruir mentalmente todos os detalhes do acontecimento a ser lembrado, incluindo tanto os contextos externos como os internos.

Para além de existirem diversos estudos que demonstram a eficácia da técnica de Restabelecimento do Contexto, como mencionado anteriormente, a relevância desta técnica também se pode justificar pelo facto da nossa memória depender muito do contexto onde determinado evento foi codificado. A Teoria da Especificidade e Codificação (Tulving & Thomson, 1973) defende que a representação mental de determinado evento não depende apenas dos diversos elementos que a constituem, pois, a memória é formada através de uma rede de associações das componentes da experiência. Segundo estes autores, quanto maior for a congruência entre o contexto da codificação e o contexto da recuperação, maior será a quantidade de informação precisa recuperada. Sendo assim, o momento da codificação e o momento do armazenamento estão de certa forma interligados, mostrando a memória depende do contexto.

Falsas Memórias

Ainda que o restabelecimento de contexto seja uma das técnicas mais eficazes para entrevistar testemunhas adultas, na entrevista investigativa facilmente encontramos diferentes versões dos acontecimentos que, por vezes, não são contruídas em função dos interesses dos intervenientes, mas sim inconscientemente influenciadas por diversos fatores (Queirós, 2012).

Após uma análise de julgamentos realizada no País de Gales, Horry e os seus colaboradores (2012), concluíram que o depoimento das testemunhas tem um grande impacto no que diz respeito à decisão de condenação do suspeito. Contudo, embora as memórias sejam preciosas, existem diversas variáveis, tais como a exposição a informações enganosas sobre o evento, que podem afetar a memória das testemunhas, tornando esta pouco confiável e falível, o que irá consequentemente afetar o depoimento (Loftus, 2003; Foster et al, 2012).

Como já foi mencionado anteriormente, quando visualizamos um acontecimento, existe uma fase de codificação onde o evento é percebido e representado na mente. Após esta fase, o evento é registado e armazenado para uso posterior. Na fase de recuperação, o registo mental armazenado é ativado, levando à lembrança do evento (Fisher & Geiselman, 1992). Contudo, sabemos que este processo de codificação não é totalmente eficaz, pois a memória é seletiva, ou seja, nem tudo fica registado e gravado, não sendo então totalmente eficiente (Pollak, 2012).

Podemos assim referir que a memória é imprecisa e maleável, pois as memórias de eventos vivenciados estão sempre incompletas. Com o passar do tempo existem detalhes que são esquecidos e lacunas, principalmente no que diz respeito a informações muito específicas. Podemos, de forma inconsciente, descrever informações sobre o outro que não estão relacionadas com os seus atos, mas sim com o que nós achamos acerca da ocorrência. Também, quando recordamos uma dada situação, não obtemos uma reprodução exata, mas sim uma interpretação de uma versão reconstituída da original, podendo a pessoa confundir detalhes de eventos diferentes, descrevendo coisas que na realidade não aconteceram (Achutti & Rodrigues, 2005; Conway & Holmes, 2008).

Existe um variado leque de fatores que podem ser responsáveis pela mudança ou criação de memórias, incluindo a nossa imaginação e a influência de terceiros. Sendo que não podemos confiar totalmente nas nossas memórias, a veracidade do testemunho de vítimas ou testemunhas de um crime poderá ficar comprometida. Se não podemos aceitar as nossas próprias memórias, não existe maneira de saber com certeza se o relato de uma determinada testemunha é verdadeiro ou não (Stein & Neufeld, 2001; Loftus, 2003).

A memória das testemunhas pode ser contaminada por diversas razões. Um dos principais motivos é que, por vezes, as testemunhas apreendem informações de outras fontes, combinando essas informações com as memórias que têm do acontecimento. Prova disto, são diversos estudos (Stein & Pergher, 2001; Szpitalak & Polczyk, 2010; Sutherland & Hayne, 2011; Holliday et al., 2012; Dodson et al., 2015) que investigam distorções de memórias, em que um sujeito visualiza um vídeo de um crime, mais tarde, recebe informações falsas relativamente a detalhes do crime expresso no vídeo. Posteriormente, quando vai relatar os detalhes que se lembra acerca do crime, o sujeito acaba por referir detalhes falsos que estavam expressos na falsa informação que lhe tinha sido dada anteriormente. Estes estudos demonstram que existem formas de desinformação que podem contaminar as memórias das testemunhas sobre eventos que experienciaram recentemente.

A desinformação pode ser apresentada através de questões, notícias falsas, de informações incorretas dadas por outras supostas testemunhas ou através de questões sugestivas. As falsas informações podem corromper drasticamente a memória original que o sujeito tinha do evento testemunhado, originando falsas memórias (Loftus, 2005; Laney & Loftus, 2018).

De forma a explicitar o fenómeno das Falsas Memórias, este tem sido explicado por três modelos teóricos: o Modelo Construtivista, o Modelo de Monitoramento da Fonte e o Modelo da Teoria do Traço Difuso. (Alves & Lopes, 2007; Stein & Neufeld, 2001)

O Modelo Construtivista defende que a memória é inacurada por natureza. De acordo com esta teoria as falsas memórias são explicadas partindo do pressuposto construtivista de que a memória é construída. Face a isto, os erros de memória dão-se devido ao fato de os sujeitos interpretarem os eventos de acordo com as suas vivências, modificando facilmente o conteúdo da informação (Brainerd & Reyna, 2005).

A Teoria do Monitoramento da Fonte, elaborada por Johnson, Hashtroudi e Lindsay (1993) defende que a construção dos fatos não gerava por si só erros de memória como era defendido pelos construtivistas. Para estes autores, existiam mecanismos que permitiam discriminar corretamente a origem de determinadas experiências, sendo que a fonte do evento original e da informação posteriormente adquirida, permaneciam separadas na memória. Contudo, por vezes, estas fontes podem ser confundidas ou mal atribuídas, o que poderá estar na origem das falsas memórias.

Desenvolvida por Reyna e Brainerd, a Teoria do Traço Difuso, pretende explicar que a memória não está intimamente relacionada com o raciocínio. A memória não é um sistema unitário, mas sim um sistema que contempla dois sistemas independentes que funcionam separadamente: a memória literal, que armazena os detalhes específicos do evento e a memória de essência que apenas armazena o significado do facto ocorrido (Reyna & Brainerd, 1998). Estes sistemas de memória diferenciam-se, principalmente, no conteúdo, na precisão dos detalhes e na durabilidade das memórias: as memórias de essência são mais amplas, robustas e duradouras, enquanto as literais codificam e informação de maneira precisa e com maior detalhe, o que vai levar a que sejam mais suscetíveis ao esquecimento e interferências, tornando-se inacessíveis mais rapidamente. Sendo assim, face a esta teoria, as falsas memórias correm quando as memórias de essência são recuperadas no momento em que se deseja a recuperação das literais ou quando existe uma recuperação destas de forma errada (Brainerd & Reyna, 2005).

De uma maneira mais simplista e geral, as Falsas Memórias ocorrem então quando uma pessoa se lembra de eventos que na realidade não ocorreram, de situações que nunca presenciou, de lugares onde nunca esteve ou quando se lembra de maneira distorcida do que realmente aconteceu, apresentado essas informações com confiança (Roediger & McDermott, 2000; Loftus, 2005; Alves & Lopes, 2007). O efeito de desinformação é então o nome atribuído às mudanças, geralmente para pior, no relato da informação que surge após o sujeito receber informações falsas (Loftus, 2005).

O fenómeno das falsas memórias pode, ainda, manifestar-se de duas formas diferentes: de forma espontânea (quando a distorção de memória se dá de maneira interna ou endógena ao sujeito, através da autossugestão) ou através de sugestão deliberada ou acidental de informação falsa por parte de outras pessoas (Stein & Neufeld, 2001), que leva o sujeito a juntar as lembranças verdadeiras com essas sugestões (Loftus, 2005).

De modo a combater a uso de técnicas de entrevista desadequadas, e conseqüentemente a diminuir a suscetibilidade à desinformação, muito se tem avançado na área da Psicologia do Testemunho em métodos e técnicas de entrevista investigativa, sendo um dos processos mais consolidados atualmente para entrevistar adultos, a Entrevista Cognitiva Melhorada (Pinto & Stein, 2015). Pesquisas, demonstraram que a ECM utiliza técnicas eficazes para instruir a testemunha a restabelecer mentalmente o contexto do evento testemunhado, e

consequentemente, a recordar mais facilmente o que aconteceu, relatando um maior número de detalhes (Powers & Lytell, 2015).

Efeitos de um relato imediato na memória

Uma das maiores preocupações no que diz respeito à entrevista de testemunhas consiste em obter relatos com a maior precisão possível e sem que existam distorções de memória, ou seja, um relato que descreva o evento testemunhado da forma mais abrangente e detalhada possível (Kraus et al., 2017). Face a isto, existem estudos (Roediger & Butler, 2011; Brock et al., 1999) que defendem que uma recuperação inicial do evento testemunhado, pode melhorar a memória de testemunhas oculares, criando diversas rotas de recuperação que vão ao encontro do evento original, o que consequentemente, poderá aumentar a precisão da memória e fortalecer as resistências contra a distorções internas e externas. Também Roediger e os seus colegas (2002), defendem que praticar o que foi apreendido, geralmente, melhora a recuperação em testes de memória explícita e implícita.

Roediger e Karpicke (2006), dedicaram-se a testar a eficácia do efeito de teste. Os autores, tentaram perceber se um teste de memória imediato teria algum efeito positivo numa retenção futura, utilizando a prosa e testes de recordação posteriores num grupo de alunos. Existiam grupos que reestudavam o material dado e outros que eram submetidos a um teste imediato. Ambas as experiências vieram demonstrar que um teste imediato após a leitura de um excerto de uma prosa, promove uma melhor retenção a longo prazo em comparação a estudar a passagem. Também Wheeler e os seus colaboradores (2003), num estudo idêntico concluíram que o estudo e os testes, embora tenham um impacto diferente na memória, são processos que ajudam numa recuperação posterior, protegendo contra o esquecimento.

No que diz respeito a estudos com testemunhas oculares, existem diferentes métodos para a obtenção de um relato imediato após um sujeito visualizar um crime. Um dos métodos utilizados pelos polícias de diversos países consiste em questionar verbalmente uma testemunha, tendo como principal objetivo obter uma visão geral do crime e recolher as primeiras informações sobre o sucedido (Gabbert et al., 2016). O polícia utiliza um conjunto de perguntas realizadas com base na sua formação básica policial, experiências práticas e feedback recebido pelos seus colegas, evitando sempre questões sugestivas (Dando et al., 2008).

Outro dos métodos utilizados para a obtenção de um relato inicial consiste em solicitar à testemunha que relate por escrito, livremente, tudo o que se lembra acerca do evento testemunhado. Os participantes recebem uma folha com instruções escritas, sendo instruídos a fornecer o relatório de memória mais completo e preciso possível do evento testemunhado, sem tentarem adivinhar ou supor informação (Krawns et al., 2017).

Ainda com o propósito de recolher informações num momento imediato após a visualização de um crime, existe ainda a Entrevista Autoadministrada (SAI). Esta entrevista, tendo por base os princípios da Entrevista Cognitiva, fornece às testemunhas diversas instruções e pistas de recuperação de forma a auxiliar a recuperação (Gabbert et al., 2009).

De modo a comparar a eficácia destes diferentes métodos (questionar verbalmente, relato livre por escrito e SAI), Kraus e os seus colaboradores (2017), realizaram um estudo em que 62 adultos foram divididos por três grupos correspondentes às diferentes técnicas de entrevista inicial. Depois de visualizarem um vídeo de um crime real, os participantes foram submetidos a um relato imediato, sendo a técnica utilizada dependente do grupo em que o participante estava inserido. Passado uma semana, os sujeitos responderam a um conjunto de 16 questões fechadas e não sugestivas sobre o evento, sendo estas apresentadas por ordem cronológica de acontecimento. Os participantes foram instruídos para responder de forma mais detalhada e precisa possível, sem tentarem adivinhar ou supor qualquer informação. Com este estudo, os autores concluíram que os participantes que foram submetidos a um relato imediato utilizando a técnica de entrevista SAI, relataram um maior número de detalhes corretos, em comparação com os sujeitos em que foi aplicado o relato livre por escrito e o método de questionar verbalmente, num momento imediato após a visualização do vídeo.

Gabbert e os seus colaboradores (2012), testaram a eficácia da técnica de entrevista SAI como efeito protetor na memória, ou seja, investigaram se, após visualizarem um vídeo, sujeitos que fossem submetidos a um relato inicial tendo por base a SAI, esquecer-se-iam de menos informações e seriam menos influenciados pela desinformação experienciada após o evento. Dividiram 40 sujeitos adultos em dois grupos: um dos grupos não era submetido à SAI após o vídeo (grupo de controle), o outro grupo era submetido à SAI imediatamente após o evento testemunhado. Ambos os grupos visualizaram um vídeo de um crime não violento e foram submetidos a desinformação. Após uma semana, foi pedido aos sujeitos que relatassem tudo o que se lembrassem sobre o evento que tinham testemunhado. Os autores concluíram que a SAI teve um efeito protetor tanto na qualidade como na quantidade de informações relatadas sobre

o evento previamente testemunhado, ou seja, os sujeitos que foram submetidos a um relato inicial tendo por base a SAI, relataram um maior número de detalhes corretos e foram mais resistentes às consequências negativas da desinformação, em comparação com os participantes que não tiveram qualquer relato imediato após a visualização do vídeo.

Presente Estudo

De acordo com o que foi supramencionado, é possível concluir que a qualidade dos relatos das testemunhas oculares pode-se perder ao longo do tempo. O intervalo de tempo que decorre entre o momento em que a testemunha visualiza determinado crime e o momento em que será entrevistada posteriormente, poderá aumentar a probabilidade de diversos detalhes se perderem e o risco de contaminação da memória (Schacter et al., 1998). Os sujeitos ficam também mais suscetíveis à exposição a informações enganosas sobre o evento, como por exemplo, através de conversas com outras testemunhas ou da visualização de notícias sobre o evento testemunhado que possam conter informações falsas (Gabbert et al. 2012).

Sendo assim, é crucial proteger a memória das testemunhas através de procedimentos que diminuam a probabilidade de esta ser afetada posteriormente. A qualidade das recuperações iniciais de memória em relatos de testemunhas oculares adultas tem sido cada vez mais estudada nos últimos anos, contudo é ainda notória a escassez de estudos que foquem o seu objetivo de investigação nos melhores procedimentos para preservar e proteger a memória das testemunhas oculares de crimes.

Atendendo ao facto de que a criação de diversas rotas de recuperação pode aumentar a precisão da memória e fortalecer a sua resistência contras distorções externas e internas (Kraws et al., 2017) e à eficácia da técnica de restabelecimento do contexto da Entrevista Cognitiva encontrada em diversos estudos já mencionados, o objetivo do presente estudo consistiu em testar se a obtenção de um relato imediato, após a visualização de um vídeo sobre um crime encenado, utilizando questões abertas e a técnica de Restabelecimento do Contexto, teria um efeito protetor na memória das testemunhas entrevistadas. Mais especificamente, investigou-se se um relato imediato obtido através desta técnica protegia a memória dos participantes no que diz respeito à sua suscetibilidade à desinformação a que foram expostos, assim como se influenciava a quantidade e qualidade das informações relatadas.

Tendo por base resultados de estudos anteriores que exploraram a eficácia de um teste de recordação antes da administração da desinformação e, concluíram, que um teste imediato após a visualização do vídeo e antes da apresentação de falsas informações tinha um efeito protetor na memória (Memon et al., 2010; Gabbert et al., 2012) surgiu a **primeira hipótese** do presente estudo. Esperava-se que os sujeitos do grupo submetido a um relato imediato tendo por base a técnica de Restabelecimento do Contexto, fossem menos suscetíveis às informações enganosas apresentadas, preservando assim as informações corretas sobre o evento na memória.

Alguns autores, defendem que uma recuperação inicial de qualidade pode melhorar a memória de uma testemunha ocular, prevenindo contra o esquecimento (Brock et al., 1999; Roediger & Butler, 2011) Face a isto, na **segunda hipótese**, esperava-se que os sujeitos do grupo submetido a um relato imediato após a visualização do vídeo, utilizando o Restabelecimento do Contexto, relatassem uma maior quantidade de unidades de informação numa entrevista posterior, comparativamente ao grupo que não foi exposto a qualquer relato após a visualização do vídeo.

Ainda de acordo com os estudos supramencionados, na **terceira hipótese**, esperava-se que a informação relatada pelos sujeitos do grupo submetido a um relato inicial tendo por base o Restabelecimento do Contexto, fosse mais precisa, ou seja, que relatassem um maior número de unidades de informação corretas numa entrevista posterior, comparativamente ao grupo que não beneficiou de relato após a apresentação do evento.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi constituída por 42 participantes, sendo que 25 eram do sexo feminino e 17 do sexo masculino. Deste total de participantes, 28 possuíam o 12º ano de escolaridade e 14 eram licenciados. Foram incluídos nestes estudos todos os sujeitos interessados com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos (idade média = 22 anos).

Todos os participantes foram contactados através de uma mensagem que continha uma breve explicação do estudo, explicando as duas fases do mesmo. Os sujeitos interessados devolveram a mensagem, sendo que posteriormente, foi agendada uma sessão, num local e horário acordado com os participantes, para estes procederem à participação na experiência. No dia da experiência, os intervenientes receberam um consentimento informado e foram-lhes explicadas, detalhadamente, todas as fases do projeto e os critérios necessários para participar no estudo (idade compreendida entre os 18 e 30 anos e não apresentar nenhuma perturbação mental ou défice cognitivo). Após assinarem o consentimento informado, procedeu-se ao agendamento de nova sessão, a realizar no dia seguinte. É ainda de realçar que inicialmente a amostra era constituída por 44 participantes, contudo, 2 destes não comparecerem à segunda sessão, tornando assim as suas participações inválidas.

Procedimento

As sessões do presente estudo foram realizadas individualmente com cada participante num espaço fechado com boas características de iluminação e sonorização. No início foi entregue aos participantes uma folha de informação do projeto, sendo que esta era diferente para cada grupo, pois no grupo com relato inicial (apêndice A) os participantes tinham mais uma entrevista do que o grupo sem relato inicial (apêndice B). Após assinarem o consentimento informado (apêndice C), visualizaram um vídeo com a duração de 2 minutos e 55 segundos de um crime encenado não violento. Posteriormente os participantes foram colocados aleatoriamente numa das duas condições experimentais: um grupo foi submetido a um relato imediato após a visualização do vídeo, o outro não teve relato inicial. Os indivíduos no grupo com relato inicial, completaram uma tarefa distratora com a duração de aproximadamente 7 minutos e em seguida foi-lhes solicitado que relatassem toda a informação (através de Relato Livre com Restabelecimento do Contexto) que se lembravam acerca do vídeo que tinham

visualizado anteriormente. Após relatarem toda a informação, eram submetidos a aproximadamente mais 7 minutos de tarefas distratoras e posteriormente submetidos à desinformação. Os sujeitos na condição de controle (sem relato inicial), após a visualização do vídeo completaram uma tarefa distratora com a duração de aproximadamente 25 minutos, de forma a que o tempo entre a visualização do vídeo e a exposição à desinformação fosse o mesmo do outro grupo, sendo esta apresentada após este tempo de distração.

No dia seguinte (24 horas depois), em ambos os grupos, os sujeitos voltaram ao local combinado. Numa sala diferente de modo a produzir um ambiente novo, tal como já foi feito em estudos anteriores (ex.: Dadson et al., 2015), foi pedido aos sujeitos que relatassem toda a informação de que se lembravam (através do protocolo de entrevista de Relato Livre com Restabelecimento do Contexto – anexo B) acerca do evento do vídeo que tinham visualizado no dia anterior. Após o relato, foi-lhes solicitado que respondessem a um questionário (apêndice E) com o propósito de detetar a suscetibilidade de cada participante à desinformação.

Materiais

Vídeo: O evento que os indivíduos eram convidados a testemunhar, consistia num vídeo de um crime não violento, como já foi elaborado em diversos estudos com testemunhas oculares (por exemplo: Brewer & Wells, 2006; Dando et al., 2009; Gabbert et al., 2009; Foster et al., 2012; Gabbert et al., 2012; Luna & Martin-Luengo, 2012; Paulo et al., 2016; Kraws et al., 2017). Este vídeo consistiu numa cena retirada e adaptada do filme “Sorte Nula”. A duração do vídeo era de 2 minutos e 55 segundos e foi apresentado, individualmente, a todos os participantes num computador HP Pavilion - 15-cs0021np com um ecrã de 39.62 cm (15,6”). O vídeo começava num ferro velho onde existiam três carros abandonados, sendo visíveis algumas características destes, como por exemplo, o facto de estarem com ferrugem e o número de portas. Inicialmente era visível um dos protagonistas a mexer em sacos e papéis no banco de trás de um dos carros. Após agarrar num saco de plástico preto, deslocou-se à bagageira do carro, onde estava um sujeito do sexo masculino inconsciente, e tapou-lhe a cabeça. De seguida chamou o seu cúmplice para o ajudar a carregar o corpo. Perto destes sujeitos, também era visível outro senhor de camisa branca e calças escuras, sentado junto a um poste de eletricidade. Após retirarem o corpo da bagageira do carro, dirigiram-se para o meio de uma floresta onde tiveram diversos diálogos acerca do que iriam fazer com o corpo, pensando até em enterrá-lo. Como não tinham utensílios para concretizar essa ação, carregaram o corpo até um outro carro que estava

estacionado no meio da floresta, colocando o corpo na bagageira deste juntamente com uma arma preta que um dos agressores retirou da parte da frente das suas calças. De seguida, os agressores, após combinarem encontrar-se no dia seguinte na escola, seguiram direções opostas, tendo um deles apanhado boleia de uma carrinha de caixa aberta com diversas características visíveis, como por exemplo, dois homens no seu interior, cor escura, caixa de madeira, a matrícula e um objeto pendurado no espelho retrovisor. Relativamente aos protagonistas do crime, um deles tinha um gorro preto e estava vestido com umas calças cremes, um casaco azul e um casaco de ganga à cintura e o outro estava vestido com roupas escuras e um colete também de cor escura. A vítima estava de boxers verdes, uma camisola de alças branca, umas meias pretas pela canela e ainda eram visíveis feridas na zona dos joelhos. Era ainda possível ouvir o som de umas aves no decorrer do vídeo. Face a esta descrição é perceptível que o vídeo apresentado estava rico em detalhes de diversas categorias, tais como, características relativamente às pessoas, objetos, ações, localizações, conversações e sons.

Tarefas distratoras: Todos os participantes realizaram tarefas distratoras entre a visualização do vídeo e o momento da entrevista, com a duração máxima de 7 e 25 minutos, dependendo do grupo a que pertenciam. As tarefas distratoras (anexo A) consistiram numa sopa de letras e em palavras cruzadas, tarefas estas idênticas às utilizadas em diversos estudos (como por exemplo, Foster et al., 2012; Dodson et al., 2015). Existiam duas sopas de letras de categorias diferentes (países e alimentos) e uma tarefa de palavras cruzadas. É importante realçar que a pertinência destas tarefas não está na sua temática, mas sim no facto de os participantes não estarem com o pensamento focado no evento visualizado anteriormente.

Relato Livre com restabelecimento do contexto Esta componente da Entrevista Cognitiva foi aplicada ao grupo que foi submetido a um relato imediatamente após a visualização do vídeo (grupo com relato inicial) com uma duração média de 6 minutos e a ambos os grupos no momento de entrevista final com uma duração média de 5 minutos. De modo a aplicar esta componente da entrevista cognitiva da mesma forma a todos os participantes, existiu um protocolo escrito que foi aplicado na íntegra e foi exposto de igual forma a todos os sujeitos (ver anexo B). Inicialmente foi explicado ao participante que o objetivo da entrevista era ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informações possíveis acerca do vídeo que tinha visualizado no dia anterior. De forma a explicar ao participante que estávamos interessados em todas as informações que lhe viessem à mente, com o máximo detalhe de possível, deu-se o exemplo prático da descrição de uma lapiseira, explicando ao participante que deveria descrever o evento com o máximo detalhe possível como se estivesse a descrever essa lapiseira (ex.: é cor de rosa,

tem uma mina fina cinzenta, tem umas letras cinzentas, em cima tem uma tampa de metal cinzento, etc.). O participante foi também tranquilizado de modo a não se preocupar caso não se recordasse de algo, tendo sido informado de que não deveria tentar supor ou adivinhar as informações de que não se recordasse ou que não soubesse. De seguida aplicou-se a técnica de restabelecimento de contexto, pedindo ao participante que fechasse os olhos e tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato, solicitando que primeiro pensasse no que estava a fazer antes de vir para a experiência, em como se estava a sentir quando entrou na sala para participar na investigação e só posteriormente que se tentasse lembrar do computador e do ecrã onde visualizou o vídeo, focando-se no vídeo que visualizou. De seguida, o sujeito foi orientado para pensar em diversas componentes do vídeo, tais como os objetos e detalhes da cena do crime, as pessoas que estavam presentes, as ações que ocorreram e os sons e conversas que possa ter ouvido. Após o restabelecimento do contexto, foi solicitado que o participante, quando se sentisse pronto, começasse por relatar toda a informação de que se recordava, mantendo a ordem e ritmo que preferisse.

Desinformação A desinformação foi submetida em formato de um artigo de jornal fictício acerca do crime que se tinha desenrolado no vídeo (anexo x), à semelhança do que já foi realizado em estudos anteriores que estudaram o efeito da desinformação (Szpitalak & Polczyk, 2010; Holliday et al., 2012; Gabbert et al., 2012). De forma a não inserir apenas itens com informações falsas, este artigo foi composto por oito informações verdadeiras (“estacionado na floresta”; “homem sentado perto da viatura”; “dirigiram-se para a floresta”; “avistaram um carro”; “passaram por um poste de eletricidade”; “colocaram-no no carro”; “limpa-la”; “irem embora”) e oito informações falsas (“carro vermelho”; “dirigiram-se ao banco de trás”; “todo nu, apenas tinha uns boxers”; “agarraram os dois no corpo”; “tirar uma arma do bolso das calças”).

Questionário de desinformação: O questionário de desinformação (apêndice E), tal como já foi realizado por Holliday e os seus colaboradores (2012), consistiu num instrumento elaborado pela investigadora de modo a verificar a suscetibilidade dos participantes à desinformação. Este questionário era constituído por vinte e quatro questões, sendo que oito delas eram relativas a informações corretas que constavam no artigo de desinformação (2, 3, 7, 9, 13, 17, 18, 22), oito acerca de informações que apenas constavam no vídeo (1, 4, 6, 11, 15, 16, 20, 23, 24) e oito referentes à desinformação que constava no artigo (2, 5, 8, 10, 12, 14, 19, 21).

Codificação: As respostas dadas pelos participantes através do relato livre com restabelecimento do contexto, foram cotadas utilizando um modelo de pontuação quantitativa detalhado. De forma a categorizar os diferentes tipos de informações que podiam ser relatados após a visualização do vídeo foi construído um documento onde existia uma lista com um total de 376 detalhes codificados, dos quais, 90 correspondiam a pessoas, 98 a ações, 72 a localizações, 45 a conversações e 3 a sons (apêndice F). Na folha de cotação de cada participante, tal como na folha de codificação dos detalhes, existiam cinco categorias diferentes nas quais as informações relatadas se podiam inserir: pessoas, ações, objetos, localizações, conversações e sons. A tabela da codificação foi dividida em cinco colunas principais: tempo, informação, cotação dos dados, veracidade dos detalhes e tipo de detalhe. Na coluna do tempo era colocado em que momento da entrevista é que o participante tinha referido determinada informação (ex.: 03.44), de modo a, em caso de dúvida, conseguirmos situar facilmente onde foi referido aquele detalhe. Na divisão referente à “informação”, foram inseridas as transcrições exatas do que o participante referiu (ex.: “avistaram um carro que tinha um corpo na bagageira”). Após transcrever na integra o que o participante relatou, essa informação foi dividida em unidades de informação, de forma a ser possível cotar em que categoria estava inserida e a sua veracidade. Sendo assim, cada unidade de informação correspondia a uma determinada categoria, sendo a folha de cotação sempre consultada de forma a agrupar todas as unidades de informações iguais entre participantes na mesma categoria, de modo a evitar que detalhes iguais, fossem cotados em categorias diferentes. É ainda de realçar que quando um participante referia informações corretas que não constavam codificadas em unidades de informação na folha de codificação, estas eram adicionadas, de forma a criar um documento de codificação o mais completo possível. De forma a clarificar como foram codificados os detalhes, na tabela 2 está descrito um exemplo ilustrativo deste processo.

Tabela 2- Exemplo Ilustrativo do processo de codificação

Tempo	Informação	Cotação Dados	Veracida de		Tipo de detalhes					
			√	X	Pessoas	Ações	Obj.	Local.	Conv.	Sons
03.44	“os dois agressores avistaram um carro preto que tinha um corpo na bagageira”	Ag1	1		1					
		Ag2	1		1					
		Avistam Carro	1			1				
		Carro	1				1			
		Carro – preto		1			1			
		Carro - corpo	1		1					
		Corpo - bagageira	1					1		

RESULTADOS

Foram analisadas as entrevistas dos participantes do grupo com relato inicial (C/ R. I.) e dos participantes sem relato inicial (S/ R. I.). Tendo como objetivo verificar se existiam diferenças significativas entre estes dois grupos no que diz respeito ao número e precisão de unidades de informação relatadas para cada variável, foram realizados testes paramétricos de T-Student quando os pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias foram verificados. Tivemos em conta que os valores de assimetria e achatamento estavam dentro dos parâmetros obrigatórios para considerar as variáveis em estudo como tendo uma distribuição aproximadamente normal.

Os valores encontrados para as duas variáveis em estudo utilizando o Teste T-Student, estão representados na tabela 3. Posto isto, a tabela 3 apresenta a média (*M*) e o desvio padrão (*SD*) do número de unidades de informação relatada e da precisão do relato, ou seja, a quantidade de informação correta relatada pelos participantes de cada grupo.

Tabela 3. Unidades e precisão de informação relatada (médias e desvios padrão) organizadas por grupo

Informação relatada	Grupo			
	Com Relato Inicial		Sem Relato Inicial	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Total de detalhes	68.76	143.41	50.81	114.17 *
Precisão de Detalhes (%)	93.94%	18.41%	92.04%	.39%
Detalhes corretos				
Pessoas	13.57	46.08	10.62	34.38
Ações	22.71	37.96	17.00	42.15 *
Objetos	13.19	42.73	10.33	31.97
Localizações	11.62	27.76	7.38	21.64 *
Conversações	3.52	22.13	1.33	11.10 *
Detalhes incorretos				
Ações	1.05	6.64	1.19	8.85
Objetos	.67	5.92	.52	3.90
Desinformação (a)	2.05	10.75	1.71	5.85

Notas. Resultados referentes ao teste T-Student.

* $p < 0.05$ grupo significativamente estatístico.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 3, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nos níveis médios correspondentes ao Total de Detalhes $t(40) = 2.91$, $p = .006$, Detalhes Corretos de Ações $t(40) = 2.99$, $p = .005$, Detalhes Corretos de Localizações $t(40) = 3.58$, $p = .001$ e Detalhes Corretos de Conversações $t(40) = 2.63$, $p = .014$, sendo que a média do grupo com relato inicial foi superior à média do grupo sem relato inicial no momento da segunda entrevista. Face a estes resultados, podemos verificar que o grupo submetido a um relato de informação após a visualização do vídeo, relatou um maior número de unidades de informação num relato posterior, comparativamente ao grupo que não foi submetido a qualquer entrevista após a observação do evento expresso em vídeo, assim como um maior número de unidades de informação corretas relativamente às ações, às localizações e às conversações que ocorreram no vídeo.

No que diz respeito às variáveis que não cumpriram os requisitos da normalidade e homogeneidade, com o objetivo de verificar a existência de diferenças significativas entre os grupos com relato inicial e sem relato inicial no que diz respeito ao número e precisão de detalhes relatados, foi realizado um teste não paramétrico. Tendo em conta que o N era inferior a 50 (N=42), foi elaborado o Teste Mann-Whitney. Os valores correspondentes à mediana e desvio padrão de cada variável em cada grupo, estão representados pela tabela 4.

Tabela 4. Unidades e precisão de informação relatada (medianas e desvios padrão) organizadas por grupo.

Informação relatada	Grupo			
	Com Relato Inicial		Sem Relato Inicial	
	<i>Med</i>	<i>A_{iq}</i>	<i>Med</i>	<i>A_{iq}</i>
Total detalhes incorretos	4	3	3	4
Detalhes incorretos				
Pessoas	2	2.50	2.50	1.50
Localizações	0	0	0	0
Conversações	0	.50	.50	0

Notas. Resultados referentes ao teste Mann-Whitney.

* $p < 0.05$ grupo significativamente estatístico.

Não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos nos níveis médios correspondentes ao Total de Detalhes Incorretos ($U = 181.50$; $z = -.99$; $p = 0.322$), Detalhes Incorretos de Pessoas ($U = 188.00$; $z = -.84$; $p = .402$) Detalhes Incorretos de Localizações ($U = 222.50$; $z = .07$; $p = .941$) e Detalhes Incorretos de Conversações ($U = 191.00$; $z = 1.15$; $p = .252$). Isto demonstra que o relato imediato após a visualização do vídeo, não afetou estas variáveis.

A fim de garantir que as diferenças significativas encontradas não foram influenciadas pela duração da entrevista, foi realizado um Teste Mann-Whitney de forma a comparar a duração das entrevistas entre o grupo com relato inicial e do grupo sem relato inicial, não tendo sido encontradas diferenças significativas ($p = .443$).

DISCUSSÃO/CONCLUSÃO

A tarefa de uma testemunha é muito difícil. Por vezes, a codificação de eventos testemunhados na memória pode ocorrer em circunstâncias em que a retenção dos detalhes se torna difícil e, muitas das vezes, passa um tempo considerável entre a ocorrência do evento e o momento em que a testemunha é chamada para testemunhar, ficando esta suscetível à influência de falsas informações acerca do evento que testemunhou.

Sendo a entrevista de testemunhas um dos procedimentos mais importantes da investigação de um crime, é crucial a existência de estudos que contribuam para a adequação do modo como os sujeitos são entrevistados, pois ainda existe uma grande dificuldade no que diz respeito a comprovar a veracidade do relato de uma testemunha.

Não sendo possível determinar se o relato de uma testemunha corresponde à verdade ou não, será de importância extrema investir em estratégias que permitam preservar a memória de uma testemunha, diminuindo a sua suscetibilidade às falsas informações com as quais pode ser confrontada no intervalo de tempo em que testemunha um crime e é interrogada pelos policiais.

De modo a contribuir para o desenvolvimento de técnicas de entrevista de testemunhas o mais adequadas possíveis, o presente estudo teve como principal objetivo testar se a obtenção de um relato inicial, utilizando a técnica do Restabelecimento do Contexto da ECM, imediatamente após a visualização de determinado evento, tinha um efeito protetor na memória da testemunha no que diz respeito à suscetibilidade à desinformação, à quantidade e à precisão da informação relatada.

Os principais resultados deste estudo evidenciaram que a obtenção de um relato inicial, ou seja, a existência de um relato imediato após a visualização do evento, teve influência no que diz respeito à quantidade de informação relatada pela testemunha e à precisão da informação relativamente a categorias individuais. Foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos no que diz respeito ao número de unidades de informação correspondente ao total de detalhes e ao número de unidades de informação relatadas correspondentes aos detalhes corretos das categorias ações, localizações e conversações. Especificamente, o grupo que foi sujeito a uma entrevista imediatamente após à visualização do vídeo, relatou um maior número de unidades de informação no total e um maior número de unidades de informação precisas (corretas) relativamente a ações, localizações e conversações que ocorreram no vídeo.

No que se refere à quantidade de informação relatada pelas testemunhas, é possível verificar que o relato imediato após visualização do vídeo permitiu aos sujeitos relatarem um maior número de unidades de informação num relato posterior, protegendo a memória contra o esquecimento. Ainda que a testar protocolos de entrevista diferentes, esta descoberta vai de encontro ao estudo similar de Gabbert e os seus colaboradores (2012), pois em ambos os estudos, embora utilizando técnicas de entrevista diferentes, os participantes que foram sujeitos a um teste imediato após a exposição a um evento relataram uma maior quantidade de unidades de informação, comparativamente aos indivíduos que apenas foram entrevistados posteriormente.

Sendo que ambas as técnicas têm um efeito positivo no que diz respeito ao relato da quantidade de unidades de informação, seria interessante, em estudos posteriores, comparar a eficácia da técnica SAI – Entrevista Autoadministrada (utilizada por Gabbert e os seus colaboradores, 2012) e do Relato Livre com Restabelecimento do Contexto, de modo a apurar se (e qual) alguma destas duas técnicas é mais eficaz do que a outra, ou seja, se algum destes dois protocolos aplicados num momento após a visualização de um evento criminal encenado, gera uma maior quantidade de unidades de informação numa segunda entrevista em detrimento do outro.

Relativamente à precisão do relato das testemunhas, diversos autores defendem que uma recuperação inicial imediata após o evento ser testemunhado, pode melhorar a memória das testemunhas oculares, criando diversas rotas de recuperação que vão ao encontro do evento original, o que irá consequentemente, aumentar a precisão de memória (Brock et al., 1999; Roediger & Butler, 2011; Gabbert et al., 2012).

No presente estudo, no que diz respeito à precisão do relato, ou seja, ao relato de unidades de informações corretas, a obtenção de um relato inicial, utilizando a técnica de entrevista baseada nas melhores práticas de entrevista forense internacionais, o Relato Livre com Restabelecimento do Contexto, não prejudicou a precisão da informação relatada posteriormente. Mais especificamente, os participantes que foram expostos a um relato imediatamente após a visualização do vídeo, relataram informações igualmente precisas numa entrevista posterior, comparativamente aos sujeitos do grupo a que não foi pedido para relatar os detalhes logo após a apresentação do vídeo.

Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os dois grupos no que se refere à percentagem do total de detalhes corretos (precisão), é de realçar que o grupo

com relato inicial apresentou um melhor desempenho no que diz respeito a categorias individuais de detalhes corretos específicas, tais como, as ações, as localizações e as conversações. Isto demonstra que um relato inicial embora não tenha tido impacto no total de detalhes corretos, levou a que as testemunhas relatassem um maior número de unidades de informação corretas no que diz respeito a categorias individuais.

Este estudo demonstrou então que um relato imediato após a visualização do evento utilizando a técnica de Relato Livre com Restabelecimento do Contexto, para além de ter melhorado a memória das testemunhas no que diz respeito ao número de total de detalhes, como já foi supramencionado, melhorou ainda a memória dos indivíduos no que diz respeito a detalhes corretos específicos que podem ser cruciais para a resolução de um crime, tais como as características correspondentes às ações que ocorreram, às localizações e às conversas existentes no crime. Existem então evidências para afirmar que um relato inicial pode desempenhar um papel extremamente importante na preservação da memória das testemunhas de um crime, levando a que estas relatem posteriormente uma maior quantidade de informação acerca do evento testemunhado, tendo ainda um impacto positivo no que diz respeito ao relato de informações altamente precisas sobre aspetos específicos acerca do alegado crime.

Estas descobertas vão ao encontro do que já tinha sido revelado por outros autores (Roediger & Butler, 2011; Brock et al., 199), na medida em que demonstram a importância da realização de uma entrevista inicial para fortalecer a memória, preservando-a contra possíveis esquecimentos. Uma entrevista inicial pode ser fundamental em alguns casos, pois, tal como os nossos resultados indicam, pode permitir que os indivíduos relatem uma maior quantidade de informação num futuro relato.

No que se refere à influência da desinformação na memória das testemunhas, o presente estudo, demonstrou que a obtenção de um relato imediato não influenciou a suscetibilidade dos participantes às falsas informações, não tendo sido observadas diferenças significativas entre os dois grupos. Mais especificamente, os participantes que foram sujeitos a uma entrevista imediatamente após a visualização do vídeo, foram influenciados pelas informações falsas da mesma forma que os participantes que não foram sujeitos a qualquer entrevista imediata. Face a isto, podemos afirmar que um relato imediato utilizando a técnica do RC da ECM, não parece ter tido um efeito protetor na memória no que diz respeito à suscetibilidade das testemunhas às falsas informações.

Esta descoberta difere do que já tinha sido encontrado na literatura anteriormente. Diversos autores testaram quais os efeitos na memória de um teste imediato, após a visualização de um determinado evento no que diz respeito à suscetibilidade da testemunha à desinformação. Os resultados destes estudos são, no entanto, contraditórios. Existem autores que defendem que um relato imediato após o evento experienciado reduz a suscetibilidade à desinformação (Memon et al., 2010; Gabbert et al. 2012). Pelo contrário, outros autores, tais como, Chan e os seus colaboradores (2009), verificaram que um relato imediato antes da administração das falsas informações, afeta a sugestionabilidade de uma testemunha ocular posteriormente, intensificando o efeito da desinformação. Ainda Lane e os seus colaboradores (2001), nos seus estudos, concluíram que as testemunhas só seriam influenciadas pelo efeito da desinformação, caso o relato inicial fosse solicitado apenas após a administração das informações falsas, não sendo, portanto, de esperar, que as testemunhas que relatem a informação antes da exposição às falsas informações, fossem influenciadas por estas.

Face a isto, e sendo o procedimento de entrevista de Relato Livre com Restabelecimento do Contexto considerada como uma das melhores técnicas da Entrevista Cognitiva, o facto de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os dois grupos pode dever-se ao intervalo de tempo decorrido entre os momentos de aplicação do protocolo. Sendo assim, isto pode justificar-se pelo facto de o intervalo de tempo entre as duas entrevistas (24 horas), ter sido demasiado curto. Em estudos anteriores, onde foram encontradas diferenças significativas que demonstram que um relato imediato após a visualização de um vídeo tem um efeito protetor na memória de testemunhas adultas, o intervalo de tempo existente entre a primeira e segunda entrevista foi mais longo, como por exemplo no estudo de Memon e os seus colaboradores (2010) onde os participantes apenas foram sujeitos a uma entrevista final passado uma semana, na experiência de Brock, Fisher e Cutler (1999) onde existiu um intervalo de tempo entre as entrevistas de duas semanas e no estudo de Gabber e os seus colegas (2012), em que as testemunhas foram entrevistadas pela segunda vez após três semanas de terem sido sujeitas à primeira entrevista e expostas à desinformação.

De modo a proceder-se a uma investigação com as características o mais idênticas possíveis ao que acontece no mundo real, em estudos futuros, seria ideal aumentar o intervalo de tempo entre a visualização do vídeo, a exposição à desinformação e a entrevista final, pois no quotidiano, as testemunhas podem não ser expostas a falsas informações logo após a visualização de um determinado evento. Contudo, no presente estudo, não foi possível utilizar

intervalos de tempo tão longos entre os vários momentos, devido a constrangimentos referentes ao tempo disponível para conduzir e apresentar a investigação/dissertação.

O presente estudo apresenta um grande contributo para o avanço das técnicas de entrevistas de testemunhas, na medida em que representa a primeira tentativa de demonstrar a eficácia da componente do Restabelecimento do Contexto, numa entrevista imediata após visualização de um vídeo de um evento criminoso encenado. Em estudos anteriores (Davis et al., 2005; Colomb et al., 2013; Pinto & Stein, 2015), a eficácia desta técnica já tinha sido comprovada, mas apenas no momento de uma entrevista final. Neste estudo, foi verificada a sua eficácia como efeito protetor da memória, demonstrando que uma entrevista imediata após a visualização do vídeo utilizando esta componente da ECM, ajuda a proteger a memória contra esquecimentos, levando a que os sujeitos relatem uma maior quantidade de informação numa entrevista posterior, onde foi também utilizada a mesma técnica de entrevista.

Apesar de sabermos que a Entrevista Cognitiva Melhorada é considerada um dos melhores protocolos de entrevista forense a nível internacional (Prescott et al., 2011), devido à sua complexidade e tempo de aplicação, no presente estudo, optou-se por utilizar apenas uma das suas componentes, o Restabelecimento do Contexto, aliado à utilização de questões abertas (relato livre), as quais são consideradas, mundialmente, como as questões mais adequadas para entrevistar testemunhas, adultos e crianças. A escolha desta componente da ECM, justifica-se pelo facto desta técnica ser considerada uma das mais eficazes deste protocolo, no que diz respeito, à quantidade de informação relatada e otimização do tempo.

Em estudos futuros, seria interessante comparar a técnica de Restabelecimento do Contexto com outras componentes da ECM, como entrevista imediata após o testemunho de um evento criminal, de modo a encontrar qual a técnica (ou combinação de técnicas) se configura mais eficaz para proteger a memória contra possíveis esquecimentos e suscetibilidade a informações falsas.

Seria ainda importante replicar o presente estudo. Investigação futura poderia, por exemplo, ao invés de utilizar em ambos os momentos da entrevista o Restabelecimento do Contexto, usar o RC apenas no momento da entrevista imediata após o vídeo, e após um intervalo de tempo mais longo (como por exemplo, duas semanas), voltar a entrevistar a testemunha, mas utilizando o protocolo de Entrevista Cognitiva Melhorada na íntegra. Isto seria interessante, pois seria a aplicação mais próxima da realidade possível, sendo que num primeiro momento, onde não existem as condições de entrevista necessárias o investigador optaria por

utilizar uma técnica de entrevista mais curta mas com uma eficácia já testada, o RC, e, passado algum tempo, com as condições de entrevista ideais, a testemunha seria entrevistada com base no protocolo completo de ECM.

É ainda de realçar que nenhum dos participantes mencionou unidades de informação relacionadas com a categoria dos sons. Isto pode ser justificado devido à dificuldade que existia em ouvir os sons existentes no vídeo, sendo apenas o som mais detetável o das aves, o que pode ter sido abafado pelas conversas entre os agressores, não permitindo que os sujeitos ouvissem esse barulho. Posto isto, em próximos estudos, seria também interessante apresentar um vídeo onde fossem detetáveis outros sons para além das conversações entre os agressores.

Ainda que o presente estudo tenha trazido contributos no que diz respeito a estratégias que podem preservar a memória de uma testemunha, levando a que esta, futuramente, relate uma maior quantidade de informação precisa, como na maioria das investigações, esta dissertação apresenta algumas limitações.

Uma das principais limitações corresponde ao facto de os participantes terem tido um contacto prévio com o entrevistador, o que pode ter contribuído para que estes desenvolvessem uma relação de confiança, levando a que se sentissem menos ansiosos e mais confiantes numa entrevista posterior, relatando um maior número de unidades de informações. De forma a combater esta limitação, num futuro estudo seria importante existirem dois investigadores, sendo um responsável pela demonstração do vídeo e o outro pelas duas entrevistas. Seria também importante que o entrevistador fosse uma pessoa desconhecida para o participante de modo a não existir uma relação próxima entre estes.

Outra das limitações deste tipo de estudos consiste na falta de validade em mostrar um crime simulado em vídeo, o que pode comprometer a atenção da pessoa, pois em eventos ao vivo e inesperados, a pessoa é influenciada por diversos fatores que podem aumentar ou diminuir a sua atenção, tais como, o medo ou o stress. Contudo, devido a questões éticas, esta limitação é difícil de ser colmatada.

No que diz respeito à desinformação, esta também pode constituir uma limitação ao presente estudo. Os elementos apresentados como falsas informações, devido ao curto espaço de tempo ocorrido entre o momento da visualização do vídeo e a apresentação da desinformação, podem ter levado a que os participantes reativassem as suas memórias relativamente aos acontecimentos ali mencionados, não permitindo assim que fossem

suscetíveis a estes efeitos de distorção. Posto isto, em estudos posteriores, seria interessante, apresentar a desinformação com uma diferença temporal de, no mínimo, de 8 horas, de modo a assegurar que os participantes não estariam ainda com o foco total no evento que visualizaram anteriormente. Este aumento da diferença temporal também contribuiria para uma aproximação ao que acontece na realidade, pois apenas algum tempo após de visualizarem um crime, é que as testemunhas são mais expostas a falsas informações.

Por fim, para além de aumentar o intervalo de tempo entre a visualização do evento e a exposição à desinformação, seria importante aumentar o intervalo de tempo entre o momento em que o evento é testemunhado e a entrevista final. Ainda que quanto menor for o atraso, maior a fiabilidade do relato das testemunhas, em contexto real as testemunhas podem ser entrevistadas acerca de um crime que testemunharam após meses ou até anos (Hershkowitz et al., 2007; Peixoto et al., 2017).

Concluindo, é de elevada importância continuar a investir em investigações no que diz respeito à memória de testemunhas oculares de crime adultos, pois grande parte dos estudos estão focadas na população mais jovem, principalmente, no que se refere a crianças vítimas de abusos sexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Achutti, D. S., & Rodrigues, R. R. (2005). Tempo, Memória e Direito no século XXI: O Delírio da busca da verdade real no processo penal. *Revista transdisciplinar de Ciências Penitenciárias*, 137-152.
- Alves, C. M., & Lopes, E. J. (2007). Falsas Memórias: Questões teórico-metodológicas. *Paidéia*, 17(36). 45-56.
- Association of Chief Police Officers. (2006). *Muder Investigation Manual*. Wyboston: Centrex.
- Baldwin, J. (1993). Police Interview Techniques: Establishing truth or proof? *The British Journal of Criminology*, 33, 325-352.
- Bensi, L., Nori, R., Gambetti, E., & Giusberti, F. (2011). The Enhanced Cognitive Interview: A study on the efficacy of shortened variants and single techniques. *Journal of Cognitive Psychology*, 23, 311-321.
- Brainerd, C. J., & Reyna, V. F. (2005). *The Science of False Memory*. Oxford University Press.
- Brewer, N., & Wells, G. L. (2006). The Confidence-Accuracy Relationship in Eyewitness Identification: Effects of Lineups Instructions, Foil Similarity, and Target-Absent Base Rates. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 12, 11-30.
- Brock, P., Fisher, R. P., & Cutler, B. L. (1999). Examining the Cognitive Interview in a Double-Test Paradigm. *Psychology, Crime & Law*, 5, 29-45.
- Burgess, N., Maguire, E. A., Spiers, H. J., & O'Keefe, J. (2001). A Temporoparietal and Prefrontal Network for Retrieving the Spatial Context of Lifelike Events. *NeuroImage*, 14, 439-453.
- Carpenter, S. K., Pashler, H., Wixted, J. T., & Edward, V. (2008). The effects of tests on learning and forgetting. *Memory & Cognition*, 36(2), 438-448.
- Chan, J. C., Thomas, A. K., & John, B. B. (2009). Recalling a Witnessed Event Increases Eyewitness Suggestibility The Reversed Testing Effect. *Psychological Science*, 20, 66-73.

- Colomb , C., Ginet , M., Wright, D., Demarchi, S., & Sadler, C. (2013). Back to the Real: Efficacy and Perception of a Modified Cognitive Interview in the Field. *Applied Cognitive Psychology*, 27(5), 574-583.
- Conway, M. A. , & Holmes, E. A . (2008). *Guidelines on memory and the law: Recommendations from the Scientific Study of Human Memory*. British Psychological Society .
- Dando, C., Wilcock, R. , & Milne, R. (2008). The cognitive interview: Inexperienced police officers' perceptions of their witness/victim interviewing practices. *Legal and Criminological Psychology*, 13, 59-70.
- Dando, C., Wilcock, R., & Milne , R. (2009). The Cognitive Interview: The Efficacy of a Modified Mental Reinstatement of Context Procedure for Frontline Police Investigators. *Applied Cognitive Psychology*, 23(1), 138-147.
- Davis, M. R., McMahon , M., & Greenwood, K. M. (2005). The efficacy of mnemonic components of the cognitive interview: towards a shortened variant for time-critical investigations. *Applied Cognitive Psychology*, 19(1), 75-93.
- Dodson , C. S., Powers , E., & Lytell, M. (2015). Aging, Confidence, and Misinformation: Recalling Information With the Cognitive Interview. *Psychology and Aging*, 30(1), 46-61.
- Fisher, R. P., & Geiselman, R. E. (1992). *Memory-enhancing techniques for investigative interviewing: The cognitive interview*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Foster, J. L., Huthwrite, T., Yesberg, J. A. , Gorry, M. , & Loftus, E. F. (2012). Repetition, not number of sources, increases both susceptibility to misinformation and confidence in the accuracy of eyewitnesses. *Acta Psychologica*, 139, 320-326.
- Gabbert , F., Hope, L., & Fisher , R. P. (2009). Protecting eyewitness evidence: Examining the efficacy of a self-administered interview tool. *Law and Human Behaviour* , 33, 298-307.
- Gabbert, F., Hope, L., Carter , E., Boon, R., & Fisher, R. P. (2016). The role of initial witness accounts within the investigative process. Em T. Oxburgh , T. Myklebust, T. Grant, & R. Milne, *Communication in investigative and legal contexts*. Chichester: Wiley.

- Gabbert, F., Hope, L., Fisher, R. P., & Jamieson, K. (2012). Protecting Against Misleading Post-event Information with a Self-Administered Interview. *Applied Cognitive* , 26(4), 568-575.
- Geiselman, R. E. , Fisher, R. P. , MacKinnon, D. P. , & Holland, H. L. (1985). Eyewitness Memory Enhancement in the Police Interview: Cognitive Retrieval Mnemonics versus Hypnosis. *Journal of Applied Psychology*, 401-412.
- Griffiths, A., & Milne, B. (2010). The application of cognitive interview techniques as part of an investigation. Em C. A. Ireland, *Consultancy and Advising in Forensic Practice: Empirical and Practice Guidelines*. The British Psychological Society.
- Griffiths, A., Milne, B., & Cherryman, J. (2011). A question of control? The formulation of suspect and witness interview question strategies by advanced interviewers. *International Journal of Police Science and Management*, 13 (3), 255-267.
- Hammond, L., Graham, F. W., & Cole, J. (2006). Facilitating Eyewitness Memory in Adults and Children with Context Reinstatement and Focused Meditation. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 3, 117-130.
- Hershkowitz, I., Lamb, M. E., & Horowitz, D. (2007). Victimization of Children with Disabilities . *American Journal of Orthopsychiatry* , 77(4), 629-635.
- Hershkowitz, I., Orbach, Y., Lamb, M., Sternberg , K. J., & Horowitz, D. (2001). The effects of mental context reinstatement on children's accounts of sexual abuse. *Applied Cognitive Psychology*, 15, 223-248.
- Holliday, R. E., Humphries , J. E., Milne, R., Memon, A., Houlder , L., Lyons , A., & Bull R. . (2012). Reducing misinformation effects in older adults with cognitive interview mnemonics. *Psychology and Aging*, 27(4), 1191-1203.
- Hollins, T. S. , & Perfect, T. J. (1997). The confidence-accuracy relation in eyewitness event memory: The mixed question type effect. *Legal and Criminological Psychology*, 2, 205-218.
- Horry, R., Memon, A. , Wright, D. B. , & Milne, R. (2012). Predictors of eyewitness identification decisions from video lineups in England: A field study. *Law & Human Behavior*, 36, 257-265.

- Johnson, M. K. , Hashtroudi, S. , & Lindsay, D. S. (1993). Source Monitoring . *Psychological Bulletin*, 114, (1), 3-28.
- Juslin, P., Olsson, N. , & Winman, A. (1996). Calibration and Diagnosticity of Confidence in Eyewitness Identification: Comments on What Can Be Inferred From the Low Confidence-Accuracy Correlation . *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 22, 1304-1316.
- Kraws, U., Zeier , F., Wagner , W., Paelecke, M., & Hewing, J. S. (2017). Comparing the quality of memory reports in different initial eyewitness questioning approaches. *Cogent Psychology*, 4(1).
- Lamb, M. E., Harshkowitz , I., Orbach, Y., & Esplin , P. W. (2008). *Tell me what happened: structured investigative interviews of child victims and witnesses*. Chicester, England: Wiley.
- Lane, S. M., Mather , M., Villa, D., & Morita , S. (2001). How events are reviewed matters: Effects of varied focus on eyewitness suggestibility. *Memory & Cognition*, 29, 940-947.
- Laney, C., & Loftus, E. F. (2018). Current Directions in False Memory Research. Em K. Shigemasa, S. Kuwano, T. Sato, & T. Matsuzawa, *Diversity in Harmony: Insights from Psychology* (pp. 347-357). Wiley.
- Levine, B. , Svoboda, E. , Hay, J. F., Winocur, G. , & Moscovitch, M. (2002). Aging and Autobiographical Memory: Dissociating Episodic From Semantic Retrieval . *Psychology and Aging* , 17, 677-689.
- Loftus, E. (2003). Our changeable memories: legal and practical implications. *Neuroscience*, 4, 231-234.
- Loftus, E. F. (2005). Planting misinformation in the human mind: A 30-year investigation of the malleability of memory. *Learning & Memory*, 12, 361-366.
- Luna, K. , & Martín-Luengo, B. (2012). Confidence-Accuracy Calibration with General Knowledge and Eyewitness Memory Cued Recall Questions . *Applied Cognitive Psychology* , 26, 289-295.
- Maguire, E. A., & Mullally, S. L. (2013). The Hippocampus: A Manifesto for Change. *Journal of Experimental Psychology: General*, 142, 1180-1189.

- Memon, A. , & Bull. R. (1991). The cognitive interview: its origins, empirical support, evaluation and practical implications. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 1, 291-307.
- Memon, A. , Meissner, C. A., & Fraser, J. (2010). The Cognitive Interview: A meta-analytic review. *Public Policy, and Law*, 16(4), 340–372.
- Memon, A., & Higham, P. A. (1999). A review of the cognitive interview. *Psychology, Crime & Law*, 5, 177-196.
- Miller, J. F., M., L. E., Polyn, S. M., & Kanhana, M. J. (2013). Spatial Clustering During Memory Search. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 9(3), 773-781.
- Milne, B. , Shaw, G. , & Bull, R. (2005). Investigative Interviewing: The Role of research . Em Carson, D. , Milne, B. , Pakes, F. , Shalev, K. , & Shawyer, A, *Applying Psychology to Criminal Justice* (pp. 65-80). England : John, Wiley & Sons, Ltd.
- Milne, B., Shaw , G., & Bull , R. (2007). Investigative interviewing: The Role of research. Em D. Carson, R. Milne, F. Pakes , K. Shalev , & A. Showyer , *Applying Psychology to Criminal Justice* (pp. 65-80). Chichester: Wiley .
- Milne, R., & Bull, R. (2002). Back to basics: a componential analysis of the original cognitive interview mnemonics with three age groups. *Applied Cognitive Psychology* , 743-753.
- Nygaard, M. L., Felix, L. F. , & Stein, L. M. (2006). Contribuições da psicologia cognitiva para a oitiva da testemunha: avaliando a eficácia da entrevista cognitiva. *Revista Brasileira de Ciências*.
- Pansky, A., Tenenboim , E., & Bar , S. K. (2011). The misinformation effect revisited: Interactions between spontaneous memory processes and misleading suggestions. *Journal of Memory and Language*, 64, 270-287.
- Paulo, R. , Bull, R. , & Albuquerque, P. B. . (2016). Improving the Enhanced Cognitive Interview With a New Interview Strategy: Category Clustering Recall: Cognitive interview: category clustering recall. *Applied Cognitive Psychology*, 30, 775-784.

- Paulo, R. M. , Albuquerque, P. B. , & Bull, R. (2013). The enhanced cognitive interview: Towards a better use and understanding of this procedure. *International Journal of Police Science & Management*, 15, 190-199.
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B. , & Bull, R. (2014). A Entrevista Cognitiva Melhorada: Pressupostos teóricos, investigação e aplicação. *Revista Psicologia* , 2, 21-30.
- Paulo, R. M., Luna, K. , & Albuquerque P. B. (2014). La entrevista cognitiva mejorada: Cómo interrogar a un testigo de manera eficaz. *Ciência Cognitiva*, 8:1, 12-14.
- Peixoto, C. E., Ribeiro , C., Fernandes , R., & Almeida , T. S. (2014). A Entrevista de Crianças no Contexto Forense . *Pisocologia, Justiça e Ciências Forenses* .
- Peixoto, C. E., Ribeiro, C., Fernandes, R. V., & Almeida , T. S. (2016). Em D. Walsh, E. Gavin, Oxburgh, D. Alison, Redlich, & T. Myklebust, *International Developments and Practices in Investigative Interviewing and Interrogation*. New York : Routledge .
- Pergher, G. K., & Stein, L. M. (2005). Entrevista Cognitiva e Terapia Cognitivo-Comportamental: do âmbito forense à clínica. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*.
- Pinto, L. H. , & Stein, L. M . (2015). As bases teóricas da técnica da recriação do contexto na entrevista cognitiva. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33, 285-301.
- Pollak, M. (2012). Memória e Identidade Social . *Estudos Históricos* , 5, 200-2012.
- Potter, R. , & Brewer, N. (1999). Perceptions of witness behaviour-accuracy relationships held by police, lawyers and mock-jurors. *Psychiatry, Psychology and Law*, 6, 97-103.
- Powers, C. S., & Lytell, M. (2015). Aging, Confidence, and Misinformation: Recalling Information With the Cognitive Interview. *Psychology and Aging*, 30, 46-61.
- Prescott, K., Milne, R., & Clark , J. (2011). How effective is the enhanced cognitive interview when aiding recall retrieval of older adults including memory for conversation. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*(8), 257-270.
- Queirós, C. (2012). A influência das emoções em contexto de julgamento ou de testemunho . Em C. A. Poiares, *Manual de Psicologia Forense e da Exclusão Social: Rotas de Investigação e de Intervenção* (pp. 49-74). Edições Universitárias Lusófonas .

- Reyna, V. F., & Brainerd, C. J. (1998). Fuzzy - Trace Theory and False Memory: New Frontiers. *Journal of experimental child psychology*, 71, 194-209.
- Robin, J., Wynn, J., & Moscovitch, M. (2016). The spatial scaffold: The effects of spatial context on memory for events. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 42, 308-315.
- Roediger, H. L., & Butler, A. C. (2011). The critical role of retrieval practice in long-term retention. *Trends in cognitive Sciences*, 15(1), 20-27.
- Roediger, H. L., & McDermott, K. B. (2000). Tricks of Memory. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 123-127.
- Roediger, H., & Karpicke, J. D. (2006). Test-Enhanced Learning: Taking Memory Tests Improves Long-Term Retention. *Psychology Science*, 17(3), 249-255.
- Roediger, H., Gallo, D. A., & Geraci, L. (2002). Processing approaches to cognition: The impetus from the levels-of-processing framework. *Memory*, 10, 319-332.
- Sauerland, M., Krix, A. C., Kan, N. V., Glunz, S., & Sak, A. (2014). Speaking is silver, writing is golden? The role of cognitive and social factors in written versus spoken witness accounts. *Memory & Cognition*, 42, 978-992.
- Schacter, D. L., Norman, K. A., & Koutstaal, W. (1998). The Cognitive Neuroscience of Constructive Memory. *Annual Review of Psychology*, 49, 289-318.
- Schulman, A. I. (1973). Recognition memory and the recall of spatiallocation. *Memory & Cognition*, 1, 256-260.
- Stein, L. M., & Neufeld, C. B. (2001). Falsas Memórias: Porque nos lembramos de coisas que não aconteceram. *Arquivo de Ciências da Saúde da Unipar*, 5(2). 179-186.
- Stein, L. M., & Pergner, G. K. (2001). Criando Falsas Memórias em Adultos por meio de Palavras Associadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 353-366.
- St-Laurent, M., Moscovitch, M., Levine, B., & McAndrews, M. P. (2009). Determinants of autobiographical memory in patients with unilateral temporal lobe epilepsy or excisions. *Neuropsychologia*, 47, 2211-2221.

- Sutherland, R., & Hayne, H. (2001). Age-Related Changes in the Misinformation Effect. *Journal of Experimental Child Psychology*, 4(79), 388-404.
- Szpitalak, M., & Polczyk, R. (2010). Warning against warnings: Alerted subjects may perform worse. Misinformation, involvement and warning as determinants of witness testimony. *Polish Psychological Bulletin*, 41(3), 105-112.
- Tulving, E., & Thomson, D. M. (1973). Encoding specificity and retrieval processes in episodic memory. *Psychological Review*, 80, 352-373.
- Vallano, J. P., & Compo, N. S. (2015). Rapport-building with cooperative witnesses and criminal suspects: A theoretical and empirical review. *Psychology Public Policy and Law*, 21, 85-99.
- Walsh, D., Gavin, E., Oxburgh, Alison, D. R., & Myklebust, T. (2016). *International Developments and Practices in Investigative Interviewing and Interrogation* (Vol. 1). Londres: Routledge .
- Weber, N., & Brewer, N. (2006). Positive versus negative face recognition decisions: confidence, accuracy, and response latency. *Applied Cognitive Psychology*, 20, 17-31.
- Wheeler, M., Ewers, M., & Buonanno, J. (2003). Different rates of forgetting following study versus test trials. *Memory*, 11(6), 571-580.

APÊNDICES

Apêndice A: Folha de informação do Projeto dos participantes com Relato Inicial.

Investigador principal: Catarina Beja

Entrevistar as testemunhas de forma eficaz é um aspeto crucial nas investigações policiais, com o desejo de conseguir testemunhos o mais precisos possível (Paulo et al., 2013; Fisher, 2010). Técnicas de entrevista inadequadas podem afetar negativamente a recordação exata, resultando em testemunhos pobres (Milne and Bull, 1999). Alguns estudos descobriram que diferentes métodos de entrevista podem afetar a recuperação de memória.

O objetivo deste estudo será saber se um Relato Inicial tem um efeito protetor na memória. O estudo vai ser composto por duas sessões. Na primeira sessão será solicitado que assista a um vídeo de crime não violento, sendo que a duração deste não excederá os três minutos. Após a visualização do vídeo será pedido que responda a dois pequenos questionários. De seguida, irá ser-lhe pedido que relate o máximo de informação que se lembra acerca do vídeo que visualizou anteriormente. Por fim, será solicitado que leia um artigo.

Passadas aproximadamente 24 horas, é pretendido que compareça no local combinado, onde irá ser solicitado a lembrar-se do maior número de detalhes acerca do crime encenado no vídeo e posteriormente que responda a um questionário. A entrevista será gravada em áudio e não durará mais do que vinte minutos.

Os dados individuais recolhidos serão apenas partilhados entre os investigadores do projeto. Serão ainda armazenados de forma segura num computador protegido por uma senha, garantindo sempre a confidencialidade dos mesmos. As conclusões do presente estudo serão disponibilizadas mediante solicitação no final do projeto de investigação. Se estiver interessado(a) nos resultados, pedimos que nos informe numa das suas visitas ou em alternativa que envie um e-mail para 23386@alunos.ispa.pt.

Para participar neste estudo é necessário ter entre os 18 e 40 anos. É importante ainda realçar que mesmo que aceite participar nesta investigação, caso sinta algum desconforto ou constrangimento, pode desistir a qualquer momento. Para mais esclarecimentos, contacte Catarina Beja(23386@alunos.ispa.pt).

Obrigado.

Apêndice B: Folha de informação do Projeto dos participantes sem Relato Inicial.

Investigador principal: Catarina Beja

Entrevistar as testemunhas de forma eficaz é um aspeto crucial nas investigações policiais, com o desejo de conseguir testemunhos o mais precisos possível (Paulo et al., 2013; Fisher, 2010). Técnicas de entrevista inadequadas podem afetar negativamente a recordação exata, resultando em testemunhos pobres (Milne and Bull, 1999). Alguns estudos descobriram que diferentes métodos de entrevista podem afetar a recuperação de memória.

O objetivo deste estudo será saber se o Relato Inicial tem um efeito protetor na memória. O estudo vai ser composto por duas sessões. Na primeira sessão será solicitado que assista a um vídeo de crime não violento, sendo que a duração deste não excederá os três minutos. Após a visualização do vídeo será pedido que responda a dois pequenos questionários e realize uma tarefa. De seguida será solicitado que leia um curto artigo.

Passadas aproximadamente 24 horas, é pretendido que compareça no local combinado, onde irá ser solicitado a lembrar-se do maior número de detalhes acerca do crime encenado no vídeo e posteriormente que responda a um questionário. A entrevista será gravada em áudio e não durará mais do que vinte minutos.

Os dados individuais recolhidos serão apenas partilhados entre os investigadores do projeto. Serão ainda armazenados de forma segura num computador protegido por uma senha, garantindo sempre a confidencialidade dos mesmos. As conclusões do presente estudo serão disponibilizadas mediante solicitação no final do projeto de investigação. Se estiver interessado(a) nos resultados, pedimos que nos informe numa das suas visitas ou em alternativa que envie um e-mail para 23386@alunos.ispa.pt.

Para participar neste estudo é necessário ter entre os 18 e 40 anos. É importante ainda realçar que mesmo que aceite participar nesta investigação, caso sinta algum desconforto ou constrangimento, pode desistir a qualquer momento. Para mais esclarecimentos, por favor contacte Catarina Beja (23386@alunos.ispa.pt).

Obrigado.

Apêndice C: Consentimento Informado

1. Li e fui esclarecido acerca da “Folha de Informação” referente ao projeto de investigação sobre o aprimoramento de testemunhos, por meio da comparação de diferentes estratégias de recuperação de memória;
2. Confirmo que preencho os requisitos necessários para participar nesta investigação;
3. Compreendi todos os objetivos do estudo, bem como, a importância do contributo da minha participação, concordando com todos os critérios descritos;
4. Autorizo a gravação áudio da entrevista.
5. Compreendo que posso desistir a qualquer momento;
6. Compreendo que os dados recolhidos podem ser publicados de forma conjunta e/ou anónima, mantendo sempre a confidencialidade;

Nome do Participante: _____

Idade: _____

Habilitações Literárias: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Nome do Investigador: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Jornal de Notícias

Por: Fernando Gonçalves

Testemunha diz ter visto homem a ser transportado no pinhal. PJ confirma ser Gonçalo Araújo



Gonçalo Araújo, desaparecido desde sexta-feira, continua sem dar notícias. O JN conseguiu falar com a testemunha que diz ter visto corpo a ser transportado. PJ confirma que se trata de Gonçalo Araújo.

Como noticiado na passada sexta-feira, Gonçalo Araújo, desapareceu sem dar qualquer justificação aos seus familiares. O JN foi crucial para o desenvolvimento desta investigação, tendo disponibilizado à PJ as gravações telefónicas de uma testemunha que diz ter visto o corpo. Após a testemunha ter prestado declarações e o caso ter sido encerrado, a PJ deu autorização para o relato telefónico que a testemunha deu ao JN ser publicado: “Ontem quando estava a chegar a casa vi um carro vermelho estacionado na floresta. Como não é normal estarem lá carros fiquei a observar de longe durante alguns minutos. Enquanto observava, vi dois homens a aproximarem-se do carro e a dirigirem-se ao banco de trás de onde tiraram um homem. Os agressores tiveram que ter cuidado porque estava um homem sentado perto da viatura. O homem parecia estar morto, foi horrível... Ele estava todo nu, apenas tinha uns boxers e tinha um saco a tapar a cabeça. Os dois homens dirigiram-se para a floresta e eu tentei segui-los de longe... .. Ainda que de longe, consegui reparar que um dos agressores tinha um boné e um casaco preto vestido e o outro tinha umas calças azuis... Mas voltando ao que estava a acontecer... Enquanto ainda estavam com o corpo avistaram um carro ... (Eu desconfio que aquilo estava ali já combinado) ... Quando viram esse carro, passaram por um poste de electricidade e agarraram os dois no corpo e colocaram-no no carro. Vi ainda um dos ladrões a tirar uma arma do bolso das calças e a limpá-la... .. Depois tive que ficar ali escondido e só os vi a irem embora, não sei bem para onde”. Com este testemunho e realizando as entrevistas necessárias à testemunha que prefere manter a sua identidade em anónimo, a PJ conseguiu identificar os responsáveis pelo homicídio e os seus cúmplices.

Apêndice E: Questionário final

Responda às seguintes questões sobre o vídeo que visualizou no dia de ontem. De todas as opções de resposta apenas pode escolher uma, sendo que apenas uma está correta. Para cada questão será questionado o quão confiante está na sua resposta numa escala de 1 (nada confiante) a 7 (totalmente confiante) pontos. Assinale com um “x” a opção que corresponde ao seu grau de confiança.

1 - Quantos carros estavam na cena inicial do vídeo?

- a) 1
- b) 2
- c) 3

2 - De que cor era o carro onde o corpo estava inicialmente?

- a) Azul
- b) Vermelho
- c) Cinzento

3 - Onde estava estacionado o carro inicialmente?

- a) Na floresta;
- b) À beira da estrada;
- c) Num parque de estacionamento;

4 - Ao irem buscar o corpo, que objeto tirou o agressor do carro?

- a) Uma faca;
- b) Um saco;
- c) Uma mala;

5 - Em que parte do carro estava o corpo?

- b) Banco de trás
- c) Banco do pendura
- d) Bagageira

6 - Havia alguém sentado perto do carro de onde estava a vítima. De que cor era a sua camisa?

- a) Preta
- b) Cinzenta
- c) Branca

7 - Quem estava perto do local de onde os agressores retiraram a vítima?

- a) Uma mulher
- b) Um homem
- c) Uma criança

8 - Que peças de roupa tinha o morto vestidas?

- a) Meias e camisola
- b) Boxers
- c) Todas as opções anteriores

9 - Após tirarem o corpo do carro para onde se dirigiram os agressores?

- a) Estrada;
- b) Parque;
- c) Floresta

10 - De que cor era o casaco do criminoso que tinha um acessório na cabeça (O casaco que ele tinha vestido)?

- a) Azul;
- b) Preto;
- c) Cinzento;

11 – Como era o casaco que um dos agressores tinha à cintura?

- a) Cabedal
- b) Ganga
- c) Fato de treino

12 - Um dos agressores tinha calças...

- a) Castanhas;
- b) Cinzentas
- c) Azuis;

13 - O que tinha o morto na cabeça?

- a) Um chapéu;
- b) Pelicula Aderente;
- c) Um saco;

14 - Que acessório tinha um dos criminosos?

- a) Um boné;
- b) Um gorro;
- c) Um chapéu;

15 - De que forma os agressores transportaram o corpo?

- a) Às costas;
- b) A arrastar pelo chão;
- c) Com auxílio de um carrinho de mão;

16 – O que os agressores pensaram em fazer ao corpo inicialmente?

- a) Enterrá-lo
- b) Queimá-lo
- c) Atirar ao rio

17 - Que veículo é que os agressores avistaram enquanto transportavam o corpo pela floresta?

- a) Um carro;
- b) Uma carrinha;
- c) Um jipe;

18 - Antes de os agressores esconderem o corpo, passaram por ...

- a) Um depósito de água;
- b) Um poste de eletricidade;
- c) Um painel solar;

19 - No final do vídeo, de que forma os criminosos colocaram o corpo no veículo?

- a) Foram os dois colocar o corpo;
- b) Apenas um colocou o corpo e o outro fugiu;
- c) Apenas um colocou o corpo e o outro ficou a vigiar;

20 - Que objeto foi colocado junto ao corpo?

- a) Uma pedra;
- b) Uma arma;
- c) Um papel;

21 - De onde o criminoso tirou o objeto que colocou junto ao corpo?

- a) Do bolso de trás das calças;
- b) Da parte da frente das calças;
- c) Do bolso do casaco;

22 - Depois do agressor ter tirado o objeto das calças ...

- a) Atirou o objeto para dentro da mala do carro;
- b) Limpou-o
- c) Guardou-o no casaco

23 - Quantos homens estavam dentro do carro que um dos agressores apanhou boleia?

- a) 1
- b) 2
- c) 3

24 - Na cena final, para que parte da carrinha entrou o agressor?

a) Banco do pendura

b) Banco traseiro

c) Caixa traseira

Apêndice F: Lista de Detalhes do vídeo

Information Units	Pessoas	Ações	Objetos	Localizações	Conversações	Sons
Agressor 1	1					
Agressor 1 ("antda lá vá"					1	
Agressor 1 ("Anda lá"					1	
Agressor 1 ("Já tapei a cabeça ao gajo"					1	
Agressor 1 ("Podia dar uma boleia?"					1	
Agressor 1 ("Rui, Obrigado por me teres ajudado"					1	
Agressor 1 ("saiste-me um grande maricas"					1	
Agressor 1 ("Separar-se, meu?"					1	
Agressor 1 ("Vá"					1	
Agressor 1 ("Vai lá à frente e vê se o caminho está livre"					1	
Agressor 1 ("Ya meu, acho que tens razão"					1	
Agressor 1 (" Vá, temos que levar o gajo daqui"					1	
Agressor 1 (" Vá, temos que o tirar daqui, pa"					1	
Agressor 1 ("Ajuda-me lá meu!"					1	
Agressor 1 ("Anda lá, já vêes meu"					1	
Agressor 1 ("Com terra Rui! O que é que havia de ser meu?"					1	
Agressor 1 ("Devíamos enterra-lo meu"					1	
Agressor 1 ("Mas a bagageira do carro está aberta"					1	
Agressor 1 ("Porra! Não me tinha lembrado disso meu"					1	

Agressor 1 (“Temos que parar”			1
Agressor 1 (“Vá, ajuda-me lá aqui com o gajo, pa”			1
Agressor 1 (“Vamos embora”			1
Agressor 1 (“Vês alguém, meu?”			1
Agressor 1 (Alex	1		
Agressor 1 (abriu mala do carro		1	
Agressor 1 (Agarra no braço do Agressor 2		1	
Agressor 1 (Agarra saco do lixo		1	
Agressor 1 (Agarra numa parte do corpo		1	
Agressor 1 (Agarra numa parte do corpo - cabeça/ombros			1
Agressor 1 (Ajeita o casaco		1	
Agressor 1 (apanha boleia		1	
Agressor 1 (aproxima-se da estrada		1	
Agressor 1 (bate no agressor 2 com o braço direito		1	
Agressor 1 (calças	1		
Agressor 1 (calças - claras	1		
Agressor 1 (calças - cremes	1		
Agressor 1 (caminha		1	
Agressor 1 (caminha - agaixado		1	
Agressor 1 (caminha - até à parte traseira do carro			1
Agressor 1 (caminha - na direção oposto ao agressor 2		1	
Agressor 1 (caminha até à estrada final			1
Agressor 1 (caminha até à estrada final - areia		1	
Agressor 1 (camisola	1		

Agressor 1 (camisola - debaixo do casaco		1
Agressor 1 (camisola - vermelha/laranja	1	
Agressor 1 (carrega corpo		1
Agressor 1 (carrega corpo - costas		1
Agressor 1 (carrega o corpo - ao ombro - direito		1
Agressor 1 (carrega o corpo - ao ombro		1
Agressor 1 (carrega corpo - floresta		1
Agressor 1 (casaco 1	1	
Agressor 1 (casaco - azul	1	
Agressor 1 (casaco - azul- escuro	1	
Agressor 1 (casaco - com bandeira	1	
Agressor 1 (casaco - com bandeira - vermelha	1	
Agressor 1 (casaco - com capuz	1	
Agressor 1 (casaco - com letras	1	
Agressor 1 (casaco - com letras - brancas	1	
Agressor 1 (casaco - escuro	1	
Agressor 1 (casaco 2	1	
Agressor 1 (casaco 2 - ganga	1	
Agressor 1 (casaco 2 - ganga - azul	1	
Agressor 1 (casaco 2 - ganga - claro	1	
Agressor 1 (casaco 2 à cintura		1
Agressor 1 (desfaz se arma	1	
Agressor 1 (desfaz-se arma - carro		1
Agressor 1 (desfaz se arma - carro - bagageira		1
Agressor 1 (desfaz se arma - junto ao corpo		1

Agressor 1 (desloca o corpo	1	
Agressor 1 (desloca o corpo - para carro		1
Agressor 1 (desloca o corpo - para carro - bagageira		1
Agressor 1 (dirige-se ao carro 3		
Agressor 1 (dirige-se ao carro 4	1	
Agressor 1 (dirige-se para a parte de trás do carro 3		1
Agressor 1 (dirige-se para a parte de trás do carro 4		1
Agressor 1 (fecha a mala do carro	1	
Agressor 1 (gorro	1	
Agressor 1 (gorro - preto	1	
Agressor 1 (gorro - escuro	1	
Agressor 1 (levanta a mãos para pedir boleia	1	
Agressor 1 (levanta corpo	1	
Agressor 1 (levanta corpo - do chão		1
Agressor 1 (pede boleia	1	
Agressor 1 (pede boleia - beira estrada		1
Agressor 1 (Saco		1
Agressor 1 (Saco - mão		1
Agressor 1 (pega no saco	1	
Agressor 1 (pega no saco - interior do carro		1
Agressor 1 (põe a mão na cabeça	1	
Agressor 1 (põe a mão na cabeça - mão esquerda	1	
Agressor 1 (respiração ofegante		1
Agressor 1 (sexo masculino)	1	
Agressor 1 (Sobe para a carrinha	1	

Agressor 1 (Sobe para a carrinha - parte tras/caixa			1
Agressor 1 (sobe para a carrinha - agarra ferros	1		
Agressor 1 (sobe para a carrinha - senta-se	1		
Agressor 1 (vai embora no carro 5	1		
Agressor 1 (vai embora no carro 5 - parte tras/caixa			1
Agressor 1 (tapa cabeça do morto	1		
Agressor 1 (tapa cabeça do morto - com saco		1	
Agressor 1 (ténis	1		
Agressor 1 (ténis - escuros	1		
Agressor 1 (Arma		1	
Agressor 1 (Arma - preta		1	
Agressor 1 (tira arma	1		
Agressor 1 (tira arma - cintura			1
Agressor 1 (Tira arma - debaixo camisola			1
Agressor 1 (Tira arma - calças			1
Agressor 1 (tira arma - parte da frente			1
Agressor 1 (limpou a arma	1		
Agressor 1 (limpou a arma - com casaco/blusa	1		
Agressor 1 (tira o casaco da cintura	1		
Agressor 1 (tira o corpo do chão	1		1
Agressor 1 (procura objeto	1		
Agressor 1 (procura objeto - carro			1
Agressor 1 (procurar objeto - banco trás			1
Agressor 1 (procura objeto - saco		1	
Agressor 1 (tira papéis	1		

Agressor 1 (tira papéis - brancos	1	
Agressor 1 (tira papéis - carro		1
Agressor 1 (tirou papeis - interior do carro		1
Agressor 1 (Veste o casaco	1	
Agressor 1 e 2 (ao lado do carro 3		1
Agressor 1 e 2 (ao lado do carro 3 - direito		1
Agressor 1 e 2 (agachados	1	
Agressor 1 e 2 (agachados - junto carro 3		1
Agressor 1 e 2 (Avista - pessoa	1	
Agressor 1 e 2 (Avista - pessoa - a falar ao telefone	1	
Agressor 1 e 2 (Avistam carro 4		
Agressor 1 e 2 (batem um no outro com o braço/antebraço	1	
Agressor 1 e 2 (conversam	1	
Agressor 1 e 2 (decidem que se vêm amanhã na escola	1	
Agressor 1 e 2 (deslocam corpo	1	
Agressor 1 e 2 (despedem-se	1	
Agressor 1 e 2 (dirigem-se para a floresta	1	
Agressor 1 e 2 (dirigem-se para a floresta - com o corpo	1	
Agressor 1 e 2 (dirigem-se para o carro	1	
Agressor 1 e 2 (escondidos da pessoa 3	1	
Agressor 1 e 2 (jovens	1	
Agressor 1 e 2 (junto ao carro 3 (inicialmente		1
Agressor 1 e 2 (levantam o corpo do chão	1	

Agressor 1 e 2 (magros	1	
Agressor 1 e 2 (optaram por não se desfazer do corpo	1	
Agressor 1 e 2 (param	1	
Agressor 1 e 2 (combinam encontrar-se na escola	1	
Agressor 1 e 2 (param - estrada/cruzamento - areia	1	
Agressor 1 e 2 (param - estrada/cruzamento	1	
Agressor 1 e 2 (percebem que não têm pás	1	
Agressor 1 e 2 (ponderam desfazer-se do corpo	1	
Agressor 1 e 2 (ponderam desfazer-se do corpo - enterrar	1	
Agressor 1 e 2 (ponderam desfazer-se do corpo - terra	1	
Agressor 1 e 2 (ponderam desfazer-se do corpo - na floresta		1
Agressor 1 e 2 (portugueses	1	
Agressor 1 e 2 (raça caucasiana	1	
Agressor 1 e 2 (pousam corpo	1	
Agressor 1 e 2 (pousam corpo - chão		1
Agressor 1 e 2 (saem de ao pé do carro 4	1	
Agressor 1 e 2 (saem de ao pé do carro 4 - correr	1	
Agressor 1 e 2 (separam-se	1	
Agressor 1 e 2 (tiram o corpo	1	
Agressor 1 e 2 (tiram corpo - carro		
Agressor 1 e 2 (tiram o corpo - carro - mala		1
Agressor 1("Vai com cuidado"		1

Agressor 2 ("Alex, é melhor a gente separar-se"	1
Agressor 2 ("Bora pá"	1
Agressor 2 ("Bora pá"	1
Agressor 2 ("Depressa meu"	1
Agressor 2 ("E a pá?"	1
Agressor 2 ("É o melhor que a gente tem a fazer que é para não sermos vistos os dois juntos"	1
Agressor 2 ("Escavas com as mãos é?"	1
Agressor 2 ("Eu bazo por aqui, tu é melhor ires por alí"	1
Agressor 2 ("Mas vá força, até amanhã"	1
Agressor 2 ("Não está ninguém"	1
Agressor 2 ("Só me metes em merdas pá, fogo"	1
Agressor 2 ("só tu é que me metes nestas merdas"	1
Agressor 2 (" Já te disse! Não aguento mais com o gajo"	1
Agressor 2 ("A fazer o quê meu? Tás passado"	1
Agressor 2 ("Com o quê?"	1
Agressor 2 ("E agora o que fazemos ao corpo?"	1
Agressor 2 ("Já estou todo rebentado meu"	1
Agressor 2 ("Mas eu já não aguento mais com o gajo"	1
Agressor 2 ("Não tens nada na cabeça"	1
Agressor 2 ("Não"	1
Agressor 2 ("Pois está, mas não vejo lá ninguém"	1
Agressor 2 ("Agente vê-se na escola"	1

Agressor 2 (Avista um carro	1	
Agressor 2 (agarra numa parte do corpo	1	
Agressor 2 (agarra numa parte do corpo - pés		1
Agressor 2 (bate no agressor 2 com o braço esquerdo	1	
Agressor 2 (blusa	1	
Agressor 2 (blusa - azul	1	
Agressor 2 (blusa - escura	1	
Agressor 2 (cabelo	1	
Agressor 2 (cabelo - curto	1	
Agressor 2 (cabelo - preto	1	
Agressor 2 (cabelo - escuro	1	
Agressor 2 (calças	1	
Agressor 2 (calças - castanhas	1	
Agressor 2 (calças - castanhas - escuras	1	
Agressor 2 (calças - escuras	1	
Agressor 2 (caminha	1	
Agressor 2 (caminha à frente do agressor 1	1	
Agressor 2 (caminha em direção oposta ao agressor 1	1	
Agressor 2 (caminha para a floresta (final		1
Agressor 2 (caminha para floresta - estrada (final		1
Agressor 2 (colete	1	
Agressor 2 (colete - escuro	1	
Agressor 2 (colete - gola	1	
Agressor 2 (colete - gola - cinzenta	1	
Agressor 2 (fica junto ao poste		1

Agressor 2 (fica junto ao poste - vigiar	1	
Agressor 2 (não aguenta mais a carregar o corpo	1	
Agressor 2 (respiração ofegante		1
Agressor 2 (sexo masculino)	1	
Agressor 2 (ténis	1	
Agressor 2 (ténis - escuros	1	
Agressor 2 (tenta ajudar o Agressor 1 a carregar o corpo	1	
Agressor 2 (Rui	1	
Agressor 2 (vai à frente do ag 1	1	
Agressor 2 (vai à frente do ag 1 - ver se não está ninguém	1	
Agressor 2 (vai ter com o agressor 1	1	
Agressor 2 (vai ter com o agressor 1 - bagageira carro 3		1
Arma	1	
Arma - pistola	1	
Arma - preta	1	
Carro 1 - ONDE ESTÁ O HOMEM SENTADO		1
Carro 1 (abandonado/velho		1
Carro 1 (azul		1
Carro 1 (com ferrugem		1
Carro 1 (janela do pendura aberta		1
Carro 1 (para-choques cinzento		1
Carro 1 (porta de trás semi aberta		1
Carro 1 (porta do pendura semi aberta		1
Carro 1 (sem uma roda		1
Carro 2 - CARRO QUE SE VÊ ATRÁS DO QUE TEM O CORPO		
Carro 2 (abandonado/velho		1

Carro 2 (com ferrugem		1	
Carro 2 (barra frontal cinzenta		1	
Carro 3 - CARRO ONDE ENCONTRAM O CORPO		1	
Carro 3 (Abandonado/velho		1	
Carro 3 (Banco da frente cizento/claro		1	
Carro 3 (Barra lateral		1	
Carro 3 (Barra lateral - cinza/metal		1	
Carro 3 (com ferrugem		1	
Carro 3 (cor escura		1	
Carro 3 (corpo	1		
Carro 3 (corpo - bagageira			1
Carro 3 (Janelas Abertas		1	
Carro 3 (perto de um poste			1
Carro 3 (floresta			1
Carro 3 (parado			
Carro 3 (papeis		1	
Carro 3 (papeis - bancos de trás			1
Carro 3 (papeis - brancos		1	
Carro 3 (Para choques cinzento/metal		1	
Carro 3 (Saco - banco de trás			1
Carro 3 (símbolo bagageira		1	
Carro 3 (símbolo bagageira - lado esquerdo			1
Carro 4 - ONDE COLOCAM O CORPO		1	
Carro 4 (abandonado			
Carro 4 (bagageira aberta		1	
Carro 4 (bagageira é fechada	1		
Carro 4 (cor escura		1	
Carro 4 (floresta			1
Carro 4 (parado	1		

Carro 4 (parado - junto a poste		1
Carro 5 (Condutor -Faz sinal para subir para a parte de trás do carro	1	
Carro 5 (celos		1
Carro 5 (celos - vidro		1
Carro 5 - ONDE AGRESSOR 1 FOGE		1
Carro 5 (carrinha		1
Carro 5 (carrinha - caixa aberta		1
Carro 5 (carrinha 4/5 lugares		1
Carro 5 (Condutor	1	
Carro 5 (Condutor - blusa	1	
Carro 5 (Condutor - blusa - clara	1	
Carro 5 (Condutor - interior		1
Carro 5 (Cor escura		1
Carro 5 (em andamento	1	
Carro 5 (ferros		1
Carro 5 (ferros - parte de trás		1
Carro 5 (Matrícula - 3		1
Carro 5 (Matrícula - 5		1
Carro 5 (Matrícula - 8		1
Carro 5 (Matricula - 9		1
Carro 5 (Matrícula - D		1
Carro 5 (Matrícula - M		1
Carro 5 (Objeto pendurado no espelho retrovisor		1
Carro 5 (pára	1	
Carro 5 (Pendura	1	
Carro 5 (Pendura - camisola	1	
Carro 5 (Pendura - camisola - azul/verde clara	1	
Carro 5 (Pendura - interior		1

Carro 5 (vai embora	1	
Cena inicial (ferro velho		1
Floresta	1	
Floresta (areia	1	
Floresta (árvores	1	
Floresta (árvores - pinheiros	1	
Floresta (estrada	1	
Floresta (estrada - areia	1	
Floresta (flores	1	
Floresta (flores - amarelas	1	
Floresta (Poste	1	
Floresta (Poste - alta tensão / eketrecidade	1	
Floresta (Poste- metal	1	
Floresta (vegetação	1	
Floresta (vegetação - curta/média	1	
Floresta (vegetação - seca	1	
Floresta (vegetação - alta	1	
Morto	1	
Morto (cara destapada (inicialmente	1	
Morto (bóxers	1	
Morto (bóxers - cinzentos	1	
Morto (cabelo		
Morto (cabelo - curto		
Morto (cabelo- escuro		
Morto (camisola	1	
Morto (camisola - de alças	1	
Morto (camisola - branca	1	
Morto (camisola - clara		
Morto (feridas	1	
Morto (Feridas - perna/joelho		1

Morto (meias	1		
Morto (meias - pela canela			1
Morto (meias - pretas	1		
Morto (cabeça tapada	1		
Morto (saco	1		
Morto (saco na cabeça			1
Morto (sexo masculino	1		
Morto (roupa interior	1		
Pessoa 3	1		
Pessoa 3 (a falar ao telefone		1	
Pessoa 3 (cabelo	1		
Pessoa 3 (cabelo - curto	1		
Pessoa 3 (cabelo - preto	1		
Pessoa 3 (cabelo - cor escura	1		
Pessoa 3 (cabeça baixa	1		
Pessoa 3 (calças	1		
Pessoa 3 (calças - escuras	1		
Pessoa 3 (camisa	1		
Pessoa 3 (camisa - branca	1		
Pessoa 3 (passar as mãos na cara		1	
Pessoa 3 (sentada		1	
Pessoa 3 (sentada - costas/lado para o carro			1
Pessoa 3 (sentada - junto carro			
Pessoa 3 (sentada junto a poste			1
Pessoa 3 (sentada junto a poste - eletrecidade		1	
Pessoa 3 (Sexo masculino	1		
Saco		1	
Saco (fita amarela		1	
Saco (lixo		1	

Saco (plástico	1	
Saco (preto	1	
Som (Aves		1

ANEXOS

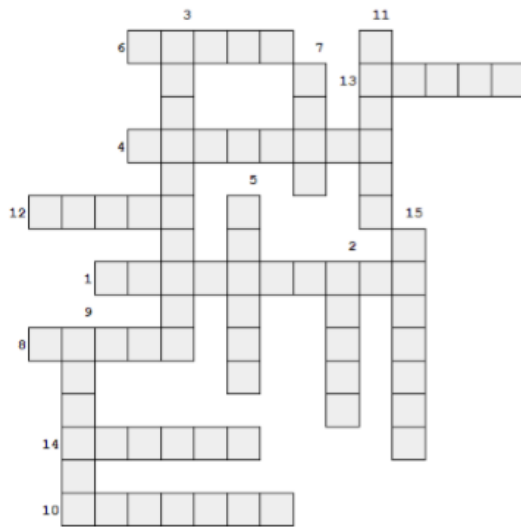
Anexo A: Tarefas distratoras

Sopa de Letras de Países

C O R A A I D N I D V L Q F U	PORTUGAL	MALASIA
D J N N L P N S B F G M Z Y J	ESPAÑA	LUXEMBURGO
E G H G A U S T R A L I A U D	HOLANDA	ANDORRA
O B O O G Q U E N I A Y V Y X	ALEMANHA	CHILE
H D L L U F A A N D O R R A W	ITALIA	
C F A A T L R H C I T A L I A	BRASIL	
C S N T R T U P N G N M R I D	ANGOLA	
Z T D S O T H X G A A E S T T	INDIA	
M W A L P J U E E R M E N K D	CHINA	
I A Q I T C S R R M N E J T E	QUENIA	
C T L M S P H O Q O B H L T R	AUSTRALIA	
H D E A A S C I D U V U W A A	TURQUIA	
I S C N S O U N N R I H R E D	MARROCOS	
L M H S S I I R G A B A B G Y	INDONESIA	
E A N D L Z A B R A S I L Y O	RUSSIA	

Sopa de Letras de Alimentos

C U L L M C Q D R A U S J J A	ARROZ	OVOS
O B A N W B V A L U O G Q J V	AVEIA	PEPINO
U S E T R U G O I V J Z A G I	BATATA	PORCO
V W C S Z E B Y O P L C H Z T	BETERRABA	QUEIJO
E U B F B E R O R E V L L C E	CEBOLA	TOMATE
J K A E C O A F N T T P I E L	CENOURA	VITELA
U V N U T Q N T A W F O V N A	COUVE	
A R R O Z E I I Q N H V R O D	ERVILHA	
Z O Z I K L R S P L I P E U V	ESPINAFRE	
A J V B H H P R I E O P H R T	FAVA	
I I S A G W D M A R P I S A U	IOGURTE	
E E V O E C W O C B X Z U E L	LEITE	
V U K Z H U V O Q A A F O M H	LENTILHA	
A Q G W Z J B A T A T A L F W	MILHO	
Y U S T O M A T E D L E I T E	NABO	



1. Tem prática, tem conhecimento das coisas; entendido, especialista, traquejado
2. Mulher que mantém compromisso de casamento com um homem
3. Separar (pessoas ou coisas) reunidas em grupo
4. Comportamento que tende a negar à mulher a extensão de direitos do homem
5. Claridade que aponta o início da manhã, antes do nascer do Sol
6. O que é objeto da nossa mais alta aspiração; a solução perfeita
7. Móvel composto de um tampo horizontal, geralmente se destina a refeições, jogos, apoio etc
8. Tornar(-se) seco, retirar de ou perder a unidade; enxugar(-se)
9. Dar a (alguém) todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade
10. Vingar uma agressão com outra maior, mais violenta; responder
11. Que tem fama; renomado, célebre
12. Elevar-se do chão por impulso dos pés e das pernas
13. Que dura um ano; que corresponde a um ano
14. Precipitar-se a chuva sobre a terra
15. Tudo que se lança à terra para germinar

Anexo B: Protocolo de Entrevista

RELATO LIVRE com restabelecimento do contexto

O nosso objetivo é ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível acerca do vídeo que visualizou há um dia atrás.

Gostaria que me contasse tudo o que se lembra acerca do vídeo, com o máximo de detalhe possível. Por exemplo, pode descrever este objeto (garrafa). Por favor diga-me tudo o que se lembra, mesmo os detalhes que lhe possam parecer irrelevantes ou que apenas se lembre parcialmente. Algumas pessoas omitem informação que acreditam não ser importante para a entrevista. No entanto, eu estou interessado(a) em tudo aquilo que lhe vier à cabeça. Mesmo os mais pequenos detalhes podem ser muito importantes.

Não se preocupe caso não se consiga lembrar de algo. É normal isso acontecer e basta dizer que não se lembra em vez de tentar adivinhar ou supor informação. Terá todo o tempo que precisar, por isso não se preocupe em levar muito tempo a pensar no vídeo ou a relatar a informação.

Apesar de eu ter conduzido a entrevista até agora, irei parar dentro de momentos. Vou-lhe pedir que me diga tudo o que se lembra acerca do vídeo, na ordem que preferir- Pode fazer uma pausa a qualquer momento se quiser. Estarei aqui para ajudá-lo sempre que precisar. OK?

Gostaria de ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível e para tal vou-lhe pedir que faça uma pequena tarefa que, por norma, ajuda as pessoas a lembrarem-se de mais detalhes.

Gostaria que tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato.

Vou então pedir-lhe que feche os olhos...

- Primeiro, Pense no que estava a fazer no dia em que viu o vídeo antes de vir para a experiência...
- Pense agora em como se estava a sentir quando entrou na sala para participar na experiência...
- Tente lembrar-se do computador e ecrã onde visualizou o vídeo ... e finalmente foque-se no vídeo que visualizou...
- Pense em todos os **objetos e detalhes das cenas do crime que visualizou**. Por exemplo os objetos que os personagens tinham... o local onde foi encontrado o corpo... o local

onde foi abandonado o corpo A floresta onde o corpo foi transportado ... e a estrada que visualizou depois de o corpo ter sido abandonado....

- Pense agora nas **pessoas** que estavam presentes no vídeo... a sua aparência... o seu vestuário...
- Pense nas **ações** que ocorreram. Por exemplo gestos ou comportamentos que foram exibidos...
- Os **sons e conversas** que ouviu na cena.... Por exemplo um diálogo que ouviu (...) ou outros sons que possa ter ouvido ...

E quando estiver pronto e tiver uma imagem clara da cena do crime na sua mente, diga-me tudo o que se lembra pela ordem e ritmo que preferir focando-se em relatar o máximo de detalhes possível acerca dos vários locais e tipos de informação que falámos. Pode então começar a relatar o que se lembra pela ordem que quiser.

...

Ok, mais alguma coisa que se consiga lembrar?

FIM

Muito obrigada pela sua cooperação e tempo.